

CONVERGÊNCIA

Outubro — 1971 — Ano IV — N.º 39

TEM FUTURO
A VIDA RELIGIOSA
CONTEMPLATIVA?

CONVERGÊNCIA — Revista da
C. R. B.

Diretor-Responsável:
Frei Constâncio Nogara

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração:
Av. Rio Branco, 123 — 10.º andar
Rio de Janeiro (ZC-21) GB
Enderço telegráfico: Conferência
Rio

Assinatura para 1971:

Brasil	Cr\$ 25,00
Exterior	US\$ 10,00
Avulso	Cr\$ 2,50

Os artigos assinados são da respon-
sabilidade pessoal de seus autores.

Composição: Compositora Helvética
Ltda., rua Aníbal Benévolo, 173 —
Rio de Janeiro — GB.

Impressão: Oficinas Gráficas da
Editôra VOZES Ltda., rua Frei Luís,
100 — Petrópolis, RJ.



EDITORIAL 1

VIDA RELIGIOSA CONTEMPLATIVA MASCULINA 2
D. Estêvão Bettencourt, OSB

Na extroversão do mundo moderno, onde se situa esta vida? No Brasil, país em desenvolvimento, qual o testemunho que a vida contemplativa pode dar? A vida contemplativa responde aos anseios da juventude moderna? Não é fuga do mundo, a vida contemplativa? Tem futuro a vida contemplativa?

A EXPERIÊNCIA DE DEUS NOS SETE SERVOS DE MARIA 7
Moacyr Grecchi, OSM

Quem eram os Sete? Por que Servos? E de Maria? Tiveram eles alguma espiritualidade a transmitir?

O HOMEM DE DEUS SÃO BENTO 12
M. M. Lúcida Schmieder, OSB

Querer escutar é o mais importante no seguimento de Cristo. Quem se prepara para escutar abre o caminho da salvação. A busca de Deus ensina o homem a ter paciência e generosidade, modéstia e esperança. Faz com que o homem seja homem e Deus, Deus.

VIDA RELIGIOSA CONTEMPLATIVA FEMININA 18
Luzia Ribeiro de Oliveira

- Forçoso é reconhecer que há ainda, em relação às contemplativas, certa concepção que as vê como menores, ou guarda uma imagem de mulher no contexto sócio-cultural da baixa Idade Média.
 - A dimensão contemplativa foi, em todos os tempos, e deve ser ainda, de toda a vida religiosa e mesmo cristã, em geral.
-

SANTA CLARA DE ASSIS 23
Ildfonso Silveira, OFM

Clara no nome. Mais clara pela vida. Claríssima pelas virtudes. O movimento encabeçado por Francisco e Clara, no século XIII, dá-nos uma maravilhosa visão da Igreja Peregrina: que reza, que missiona, que atua como fermento em todas as direções.

EXPERIÊNCIAS 28

1. Coisas novas e velhas: Filhas do Sagrado Coração de Jesus.
2. Vida religiosa feminina e criatividade pastoral.
3. Encontro de religiosas em Alagoínhas.

Depois do capítulo teológico da "morte de Deus", notam alguns que os cristãos e até mesmo os sacerdotes falam de Deus com certo pudor. E, no entanto, "Deus" continua na boca

de todos. Tornou-se expressão corrente, é invocado e chamado, louvado e blasfemado, sem muita consciência.

Uma palavra a mais!

Um dos mais prementes e significativos sentidos da VIDA RELIGIOSA hoje é ser no mundo testemunha de DEUS, de Sua existência, de Sua presença, do que Ele é e do que faz do Homem, na vida do mundo.

CONVERGÊNCIA dá com este novo número um passo adiante na constatação e apresentação da EXPERIÊNCIA DE DEUS.

Trazemos aos nossos leitores um caderno sobremaneira rico e sugestivo que revela em primeiro plano as reflexões, interrogações, inspirações e perspectivas da VIDA CONTEMPLATIVA na Igreja e no mundo de Hoje.

É importante nosso contato com esta faixa de religiosos que fazem do culto de Deus e da presença em face do Senhor o objetivo primordial e imediato de sua vida. D. Estêvão Bettencourt fala-nos da **Vida Religiosa Masculina** e Dona Luzia Ribeiro de Oliveira reflete sobre a **Vida Religiosa Feminina**.

O importante nestes dois artigos é o rompimento do dique contemplativo como monopólio dos religiosos chamados de vida contemplativa e a constatação de que a dimensão da contemplação é imprescindível em toda a vida religiosa e mesmo na vida cristã.

Mas, a VIDA é essencialmente vivência e experiência. E é nas pessoas que a VIDA se manifesta, se afirma. Adquire fisionomia própria. Distingue-se de toda outra, guarda e expressa a originalidade profunda de cada um. É isto o que traduz M. M. Lúcida focalizando "O Homem de Deus, São Bento", e Frei Ildfonso Silveira revivendo para nós a inestimável riqueza desta contemplativa em ação que foi "Santa Clara de Assis".

P. Moacyr Grecchi fala-nos também da fecunda experiência de Deus, em grupo, fruto maduro da contemplação de Deus no mundo, vivida e revivida e enriquecida na comunidade dos Sete Servos de Maria.

O fundamental é a redescoberta de Deus, é a purificação em nós, de DEUS que nós fomos muitas vezes burilando à nossa própria imagem. O vital é o reencontro permanente com Deus que é, que era e que vem. Que vem sempre em JESUS CRISTO, mas que particularmente vem falando no SEU VERBO, a palavra presente para o religioso de hoje, que é cada um de nós.

P. Marcello de Carvalho Azevedo
Presidente Nacional da CRB



EDITORIAL

VIDA RELIGIOSA CONTEMPLATIVA MASCULINA

**Dom Estêvão
Bettencourt, OSB
Monge do Mosteiro
São Bento, Rio
de Janeiro,
concedeu
esta entrevista
à Convergência.**

**Quem se isola,
arrisca-se
a ilusões.**

Considerando-se a extroversão em que vive o mundo moderno, como se situa a Vida Religiosa Contemplativa?

— Já que vamos discorrer sobre **vida contemplativa**, parece oportuno digamos, antes do mais, o que entenderemos mediante essa expressão. É certo que se pode compreender vida contemplativa de vários modos. Vamos aqui concebê-la como vida profundamente nutrida pela oração (vocal e mental) num ambiente recolhido, isenta de atividades missionárias e dedicada ao trabalho manual ou intelectual. O horário de trabalho do contemplativo é subordinado ao seu horário de oração. O contemplativo está longe de ser um egoísta; ele tem um coração aberto a todos os homens e às necessidades da Igreja mediante a sua íntima inserção na comunhão dos santos.

Ora, em todos os tempos o recolhimento, o silêncio, a oração foram fatores indispensáveis para que o homem se encontrasse consigo mesmo e se dispusesse para uma atuação muito eficaz. Se não volta periodicamente ao retiro e à reflexão íntima, o homem se desgasta. A psicologia o ensina. A fé cristã só faz corroborar esta afirmação. Por isso é que na Igreja sempre houve casas e comunidades que, por seu ritmo próprio, afirmaram o valor da contemplação.

Em nossos dias, tal valor permanece intato. Talvez mesmo seja particularmente estimado por pessoas que estão mais expostas às múltiplas soli-

citações da vida moderna. As casas de Religiosos fielmente dedicados à oração podem servir de sinal que lembre ao mundo contemporâneo a necessidade de procurar os valores eternos em meio aos temporais. Oferecem também aos homens sequiosos de paz o ambiente oportuno para passarem um fim de semana recolhido ou mesmo alguns dias de retiro espiritual.

O Concílio Vaticano II, em mais de um dos seus documentos, exaltou a vida contemplativa e preconizou sejam fundadas comunidades de contemplativos até mesmo em territórios de missões. Oração, silêncio e renúncia têm ampla eficácia apostólica. Além disto, a presença de contemplativos em meio às atividades dos missionários dá a ver aos povos não cristãos essa indelével dimensão da Igreja que é a oração e o culto de Deus:

— Uma vez que a vida contemplativa pertence à plenitude da Igreja, é necessário que se instaure em toda a parte entre as novas Igrejas (Decreto *Ad Gentes* n.º 18).

No processo de renovação da Vida Religiosa Contemplativa, quais os elementos que deveriam estar presentes?

— Não é necessário falar aqui dos clássicos elementos “pobreza, castidade e obediência”, que, entendidos no sentido do Vaticano II, continuam indispensáveis para a autêntica contemplação.

Parece que, fora casos excepcionais de eremitismo, a vida contemplativa deve desenvolver-se em ambiente comunitário. Quem se isola, arrisca-se a ilusões. Mais: hoje mais do que outrora, é importante que a vida contemplativa seja, na medida do possível, alimentada pela leitura ou pelo estudo. Para amar a Deus e viver com Ele, é preciso conhecê-lo bem. Além disto, o estudo preserva o Religioso de ilusões ou falsas aspirações místicas (o que

não é raro em nossos dias); ajuda a ter o discernimento dos espíritos. Para tanto, é muito valioso também um bom diretor espiritual, principalmente nos primeiros anos de busca de Deus, êle deverá avivar no candidato a consciência de sua comunhão com a Igreja e a humanidade.

A higiene mental também é indispensável num regime de vida contemplativa — o que não quer dizer que se reproduza o exemplo de Cuernavaca (México), onde D. Gregório Lemercier mandava indistintamente todos os postulantes do Mosteiro à prática da psicanálise em grupo. A psicoterapia é útil, quando necessária. Não se torne fuga do dever e da ascese.

Qual o testemunho específico que a Vida Religiosa Contemplativa é chamada a dar dentro de uma realidade de país em desenvolvimento?

— Num país em desenvolvimento, a vida contemplativa pode lembrar de modo especial a necessidade de se promover o homem todo (como diz a encíclica *Populorum Progressio*), isto é, o homem não somente em suas dimensões científicas e técnicas, mas também em seu aspecto espiritual e cristão. Na verdade, o homem só se consoma em Deus. O contemplativo deve atestá-lo de maneira saliente.

Os Mosteiros contemplativos podem participar do processo de desenvolvimento dedicando-se a tarefas de educação e formação (alfabetização, aprendizagem agrícola e artesanal . . .) na medida em que sejam compatíveis com o quadro de vida do Mosteiro.

Um jovem que julgue ter vocação contemplativa, não deve, em nome do processo de desenvolvi-

*Rezar profundamente
e ajudar o povo de Deus a rezar bem,
missão dos contemplativos
perante o apêlo do episcopado
para a ação pastoral.*

*Oração, silêncio, renúncia
têm ampla eficácia apostólica*

mento, ser dissuadido de a seguir. Também é para desejar que não se dissolvam em hipótese alguma as comunidades de contemplativos. Visto o que foi dito atrás, tal dissolução seria contrária aos interê-

ses mesmos dos povos em desenvolvimento. "Se o Senhor não construir a cidade, em vão trabalham aqueles que tentam edificá-la", diz o salmista.

O apêlo dos Bispos para que os Religiosos participem da ação pastoral direta é sempre mais freqüente. Quais as possibilidades de os religiosos contemplativos responderem ao apêlo dos Bispos, sem fugir de sua vida específica?

— Os Religiosos contemplativos podem responder aos apelos do episcopado encarregando-se de proporcionar ao povo de Deus ambientes de retiro, ministrando palestras ou cursos de espiritualidade nas dependências do Mosteiro, oferecendo aos fiéis a celebração de Liturgia profundamente vivida e participada.

Também se pode dizer que a redação e a publicação de escritos de espiritualidade ou teologia

estão bem na linha da tarefa dos contemplativos. O povo de Deus precisa de alimento para a sua oração. Quem é que deve poder prepará-lo e servi-lo com mais experiência do que os contemplativos, que de certo modo professam a vida de oração explícita? Rezar profundamente, e ajudar o povo de Deus a rezar bem, eis certamente o quinhão dos contemplativos nesta fase de história da Igreja.

A vida religiosa contemplativa é ideal de vida cristã capaz de responder aos anseios da juventude moderna?

— Na juventude contemporânea podem germinar os mais diversos tipos de ideal. Há os jovens que se voltam para as ciências e a técnica, como também há (em menor proporção, sem dúvida) os que optam pela vida consagrada a Deus. O que se requer para atrair um jovem de hoje, é a proposição de um ideal nobre e grande; é também o testemunho de entusiasmo e autenticidade dos mais velhos que professem tal ideal. A acomodação e a adaptação amorfas, traidoras, só concorrem para afastar os jovens. Se alguém se mostra inseguro e inquieto

na sua vocação, como pode entusiasmar os jovens para que o sigam? Por isso é de crer que, se as comunidades contemplativas derem um testemunho lúcido e coerente de vida, na pobreza e na generosidade para com o próximo, poderão despertar vivamente o interesse dos jovens.

Inegavelmente, porém, nos tempos atuais é preciso que os Mosteiros usem de linguagem e formas de comunicação compreensíveis à mentalidade moderna (o que não quer dizer desvirtuamento do ideal); em caso contrário, sofrerão graves crises.

A Ordem Beneditina sempre foi vanguardeira na renovação litúrgica. Como poderia ela desempenhar esta missão hoje no Brasil?

— Mediante pregações, cursos e retiros, os beneditinos outrora comunicaram aos fiéis a estima da oração oficial da Igreja. Isto deve continuar em nossos dias. Após o Concílio do Vaticano II, os Mosteiros de Salvador e Olinda dedicam-se principalmente à pastoral litúrgica, ao passo que os do Rio e de São Paulo cultivam as formas clássicas da Liturgia e o canto gregoriano como sendo valores perenes do patrimônio da Igreja.

Creio que a renovação litúrgica poderá ser levada à frente pelos Mosteiros de dois modos:

1) Uma comunidade beneditina pode oferecer ao povo de Deus a imagem de uma Liturgia bem preparada e harmoniosamente executada — o que é importante aos domingos e nas grandes solenidades do ano (Tríduo Sacro, Páscoa, Natal...)

2) Os beneditinos poderiam interessar-se pela adaptação do canto gregoriano à língua vernácula. Assim o canto-chão, venerável e belo como é, não se perderia nem ficaria reservado ao uso de elites. — Em suma, numa comunidade pode-se fazer com mais desenvoltura o que numa paróquia (onde às

vêzes só há um ou dois presbíteros) se torna muito difícil. Os fiéis apreciam altamente uma celebração litúrgica bem executada.

Como responder ao "slogan" popular que brasileiro não dá para a vida contemplativa?

— Acredito que o brasileiro seja, por temperamento, mais propenso à vida apostólica ou missionária do que à contemplativa. A nossa juventude se sente constantemente excitada a se engajar em obras de desenvolvimento nacional. É o que, em parte, lhe faz perder o senso da vida contemplativa. Contudo registram-se, entre pessoas que superaram a adolescência, notáveis vocações para os mosteiros. Para compreender o que seja a vida contemplativa, requer-se, além da graça de Deus, certo grau de maturidade. Ora esta só o tempo a pode dar.

O homem moderno rotula a vida contemplativa, com freqüência, como fuga do mundo. Que responder?

— Pode alguém entrar na vida contemplativa por motivos espúrios: frustração, medo de responsabilidades profissionais, ilusão romântica... Todavia a vida do mosteiro não é para tais pessoas; cedo ou tarde elas a abandonam. A vida contemplativa requer têmpera forte; ninguém persevera nela (ao menos, de maneira digna) sem excitar constantemente a sua magnanimidade. Justamente porque no mosteiro o religioso carece de certas tarefas e de contatos freqüentes com os divertimentos ou com as ocupações absorventes do século, requer-se que ele saiba claramente o que quer e por que o quer: é a Deus que o religioso procura; para isto é que ele se distanciou geográficamente da casa e do mundo. Se ele não mantém vivo o seu ideal — que é merecedor de todo aprêço — o Religioso entra em crise; torna-se infeliz; vem a ser uma caricatura ou um contra-testemunho, quando não chega a abandonar por completo a vida regular.

De resto, hoje em dia, por iniciativa da Santa Sé, aplicam-se testes psicológicos aos candidatos da vida contemplativa, a fim de se poder avaliar melhor até que ponto estão em condições de professar. Esses testes não devem ser tidos como critérios decisivos ou como a última palavra em cada caso, mas, sim, como elementos a ser ponderados... ponderados ao lado da disponibilidade e da generosidade

que o candidato apresente e que o Espírito de Deus pode suscitar nas almas que Ele chama à vida consagrada.

Há quem preconize hoje em dia que os Religiosos — até os que professaram uma Regra de vida contemplativa — se engajem em um emprêgo remunerado e assim se vejam obrigados a ganhar o seu salário no fim de cada mês. Este seria um meio de evitar que caíam no aburguesamento e de fazer que sintam como todos os homens a dureza da vida. A propósito pode-se observar que é, sem dúvida, hedionda a imagem da acomodação e da fuga da dureza. E indispensável que os Religiosos se acautelarem neste setor. Mas a fim de evitá-la não é necessário dissolver os quadros da vida contemplativa e adotar um compromisso heterogêneo; quem está seguro de que um emprêgo remunerado não suscita aos poucos no Religioso "empregado" uma mentalidade de funcionário ou uma mentalidade laicizada?

A única solução autêntica para fugir ao aburguesamento parece-me ser o despertar constante de consciência dentro das próprias comunidades religiosas — o que se pode obter mediante palavras e exemplos dos respectivos animadores. Notemos que viver fielmente a vida regular na comunidade, em oração e em trabalho segundo a Regra, não é fácil nem cômodo. Pode mesmo exigir renúncia heróica, que tornará o respectivo sujeito cada vez mais magnânimo.

A procura de emprêgo remunerado é que pode ser, em alguns casos, fuga da "monotonia" da vida regular e procura de compensação "legal". Caso isto se verifique, o Religioso arrisca-se a dar um contra-testemunho nocivo à própria Igreja; êle pode tornar-se uma figura ambígua, que precise de uma renovação interior.

No passado, os mosteiros contemplativos buscavam instalar-se fora dos grandes centros. Existe esta tendência hoje ainda? Como explicá-la ao homem moderno?

— Atualmente no Brasil temos mosteiros nos grandes centros urbanos, mosteiros que as cidades (Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador...) envolveram paulatinamente. Temos também mosteiros retirados, dados à vida agrícola (Serra Clara, perto de Itajubá, Anunciação nas cercanias de Curitiba, Itaporanga, Itatinga, Jequitibá...). No estrangeiro, vão-se fundando novas comunidades tanto nas cidades como nos campos. Parece, porém, que a tendência é continuar a preferir os campos tanto em nossa pátria como em outros países.

Essa preferência se justifica pelo fato de que na vida rural são menos prementes as solicitações

dos afazeres seculares e mais facilmente se constitui um clima de silêncio e oração. Fora das cidades são mais exequíveis o trabalho agrícola e certas indústrias muito caracterizam a vida cisterciense (vida beneditina reformada por S. Bernardo no século XI e pelo Abade Rancé no século XVII) até hoje. O homem moderno mesmo sente necessidade de se afastar dos centros urbanos para se reabastecer es-

piritualmente em lugares calmos; os Mosteiros devem poder oferecer-lhe tal oásis de paz.

É preciso, porém, que a formação dos jovens nos mosteiros rurais não seja prejudicada por falta de bibliotecas e centros de estudos. A vida contemplativa requer um bom lastro de espiritualidade, que muitas vezes só se adquire mediante leituras e cursos.

Quais as perspectivas para a vida religiosa contemplativa para o dia de amanhã em geral, e no Brasil em especial?

— Creio que a vida religiosa contemplativa terá seu futuro no mundo inteiro. É a vivência de um carisma que o Espírito Santo sempre suscitou na Igreja e — parece-me — não deixará de suscitar, como não deixará de suscitar o martírio sangrento e a virgindade consagrada a Deus na vida ativa. Após a guerra de 1939-1945, a vida religiosa trapista gozou de extraordinária afluência de vocações nos Estados Unidos da América, possivelmente em virtude da ação do Espírito Santo mediante a figura realmente carismática de Tomás Merton. Passou-se essa fase extraordinária na América do Norte. Atualmente certos países da África estão se abrindo para a vida contemplativa. Esta continuará a corresponder aos anseios espontâneos da alma humana.

Na Índia e no Oriente em geral, a Igreja Católica não poderá deixar de dar o testemunho da vida contemplativa; sem isto, o catolicismo não seria compreendido pelos povos do continente asiático. Por isso diz o Concílio do Vaticano II: "Pede-se que os institutos contemplativos fundem casas em territórios de missões, como muitos já fizeram. Ali vivam de maneira adaptada às tradições genuinamente religiosas das populações, e assim dêem entre os não-cristãos um preclaro testemunho da majestade e do amor divinos, como também da união em Cristo" (Decreto *Ad Agentes*, n.º 40).

No Brasil existem dois mosteiros de monges estritamente contemplativos (no sentido indicado atrás): são o de Serra Clara, retirado nas montanhas do Sul de Minas, e o da Anunciação perto de Curitiba. São os únicos no seu gênero entre nós, pois os demais mosteiros do nosso país (beneditinos, cistercienses, olivetanos, valombrosanos...) estão assaz comprometidos com atividades educacionais ou pastorais impostas pela força das circunstâncias. Todavia mesmo dentro desses mosteiros quem quer levar vida mais retirada, pode fazê-lo. A figura de Tomás Merton repercutiu favoravelmente também no Brasil, atraindo vocações para os mosteiros do país.

O mosteiro de Serra Clara vai desafiando as circunstâncias em virtude da têmpera forte do seu fundador e dos candidatos que o acompanham numa vida pobre e generosa; esse mosteirinho é sempre uma "tentação" para quem ali vai passar alguns dias e sente os apelos do silêncio e da oração.

Só Deus sabe o que será da vida contemplativa masculina no Brasil. Estou convicto de que devemos continuar a cultivar ardorosamente as instituições que temos, procurando autênticos caminhos de adaptação, a fim de servirmos a Deus como as circunstâncias o permitam ou exigem. E Ele, o Senhor da história, não deixará de olhar para a fé de seus servos segundo os seus sábios desígnios!



EXPERIÊNCIA OU BIOGRAFIA?

O evangelho relata muito mais a experiência que a comunidade primitiva teve de Cristo na sua fé, do que a biografia do mesmo.

Uma das maiores desgraças, que porventura atingiram o catolicismo moderno, talvez seja o fato de ele se ter tornado teoria e catequese sobre o em-sí de Deus e da religião, sem incessantemente lhe acrescentar o momento de tudo isto para o homem. O homem e o mundo sem Deus, com os quais hoje em dia nos deparamos, nasceram, em parte, de uma reação contra um tal Deus sem homem e sem mundo. Yves de Congar, *Cristo na economia da salvação*, em: *Concillum* (1966), pág. 20.

Ambiente Político

É um período de grandes lutas: lutas entre as comunas nascentes e o velho regime feudal; entre o papado, que com Inocêncio III (1198-1216) alcançara o apogeu de seu poderio político, e o despotismo de Frederico II, rei da Sicília e coroado imperador em 1220; entre as facções civis dos guelfos e gibelinos.

É um quadro de lutas fratricidas que ensanguentam as cidades da Itália e, ao mesmo tempo, é período de grande desenvolvimento econômico.

Ambiente Religioso

Grassa por toda a Itália a heresia dos Cátaros, que, com sua doutrina anti-social, ameaça não só a fé mas a própria sociedade humana. É um período de grande inquietude espiritual. Fermentam muitas idéias e movimentos originais no seio da cristandade.

Lendo atentamente a história espiritual daquele tempo (eram os tempos de Francisco e Domingos), vê-se que na Igreja pululavam movimentos não canônicos, como por exemplo, "os penitentes", "os irmãozinhos", "os louvadores", "os disciplinados" e outros. É grande e multiforme o movimento da "penitência".

Vida penitente, então, não era um termo vago, mas designava o modo de viver de homens piedosos que adotavam voluntariamente e de maneira estável o "estado de penitência". Os Irmãos e Irmãs da Penitência participavam todos os dias da Eucaristia e das Horas Canônicas, observavam certos dias de jejum e abstinência, vestiam uma túnica de lã grosseira, abstinham-se de festas sociais conexas com o pecado e não conformes ao Evangelho. Viviam em suas casas, reunidos, muitas vezes, em fraternidades locais, ou se retiravam a sós ou em grupos para lugares afastados, às vezes junto a oratórios ou hospitais nos quais prestavam serviço e dos quais tomavam o nome.

Há, por volta de 1215, uma verdadeira explosão de movimentos desse gênero, a partir de uma indiscutível influência de S. Francisco e S. Domingos. Efetivamente, a **Legenda de Origine**, o documento mais fidedigno dos inícios da Ordem e sobre o qual nos baseamos mais de perto, afirma:

— Cristo, luz dos homens, começou a resplandecer e aquecer com maior intensidade através destes dois luminares, Domingos e Francisco. Irradiando e aquecendo o mundo com a palavra da pregação de um e com o exemplo de humildade do outro, fez retroceder o frio da descrença e voltar o calor da caridade quase extinta. Então o coração humano, como numa nova primavera espiritual, começou a tornar-se menos duro e a ceder sob a lâmi-

A EXPERIÊNCIA DE DEUS NA VIDA DOS

SETE SERVOS DE MARIA

Moacyr Grechi, O.S.M.

na dêstes dois oradores de Deus e prescrutadores dos corações. Suas Ordens, mesmo enquanto viveram, cresceram como árvores gigantes e produziram flôres e frutos que dissiparam tôda heresia" (1).

Vida Evangélica

Todo êste movimento pode ser definido em poucas palavras, pois caminhava para um único objetivo: volta ao Evangelho.

Procurava-se um tipo de vida, chamada então "apostólica", porque inspirada principalmente nos discursos do Senhor aos apóstolos (Lucas 10; Mateus 10) e nos Atos. Querem uma vida evangélica transparente aos olhos da população, na imitação literal do estilo de vida dos discípulos do Senhor e em atenta escuta das inquietações do mundo.

A partir do período da reforma gregoriana, sentira-se a exigência de uma volta à primitiva pureza nos moldes do Evangelho e da comunidade apostólica. Verifica-se uma renovação da piedade cristã centrada sôbre a vida terrena de Cristo e de sua Mãe.

Quem Eram os Sete

Eram florentinos, leigos (alguns casados), que, como mercadores de lã, participaram ativamente na vida social e política de sua cidade, então em pleno desenvolvimento. Na qualidade de comerciantes ricos, não só estavam em contato com as novas idéias que reinavam nas regiões por êles percorridas, mas tudo permite concluir que foram inclusive canais dessas mesmas idéias.

Trata-se pois de sete indivíduos da incipiente burguesia de Florença, que por volta do ano de 1233 põem-se a procurar um modo de autêntico testemunho cristão, com características comunitárias, sob o signo da penitência — penitência entendida como exercício das obras de misericórdia espiritual e corporal, de acôrdo com a mais autêntica inspiração bíblica. Outro traço era o serviço — serviço especialmente em favor dos pobres, dos doentes, da gente humilde do povo.

Servos de Santa Maria

Os sete mercadores florentinos pertencem a uma das tantas associações penitenciais do tempo, precisamente à **Societas major Dominae nostrae**, cujos membros professam-se **servos de Santa Maria**. Quando o hagiógrafo quer precisar a particular relação dos Sete com a Nossa Senhora, afirma que êstes se destacavam acima de todos no amor para com Ela (2). Ademais, atesta sua pertença à sociedade e

relata seu ato de consagração à Virgem com a conseqüente adoção do título de "Servos" seus.

— Conhecedores e temerosos da própria imperfeição, depois de madura reflexão, dirigiram-se, humildemente e com total vontade de entrega, aos pés da Rainha do céu, a gloriosa Virgem Maria, a fim de que Ela, como media-neira e advogada, os reconciliasse com seu Filho, a êle lhes recomendasse e, suprimindo sua imperfeição com sua intensíssima caridade, lhes alcançasse misericordiosamente merecimentos abundantes. Em conseqüência disso, para a honra de Deus e sob o signo do serviço à Virgem sua Mãe, quiseram, desde então, **ser chamados Servos de Santa Maria**, adotando, a conselho de homens sábios, um estatuto particular de vida (3).

Sentem-se pobres, insuficientes para realizar o seu "serviço ao Senhor" e, por isso, voltam-se para a Virgem, Mãe do Senhor, para que com sua intensa caridade complete seu testemunho. O "serviço à Virgem" é essencialmente cristocêntrico. Os Sete querem servir ao Senhor mediante uma entrega à Virgem.

Dêste modo, pode-se concluir dizendo que a Virgem ocupa um lugar essencial no "servitium Domini", isto é, no ideal dos nossos santos e da Ordem. Por isso, no espírito do Servo de Maria, ela, com sua ação mediadora, estará sempre presente, implícita ou explicitamente na ação de cada um dêles enquanto manifestação externa de seu serviço ao Senhor.

Servir ao Senhor, servir a Maria é essencialmente vida, para os nossos santos. Na vida dos Sete, como em geral na Ordem dos Servos, o aspecto mariano não se exprime tanto na multiplicação de "devoções", mas no fato de impregnar tôda a vida dos Servos de Maria. "É servir ao Senhor e aos irmãos **inspirando-nos constantemente em Maria, Mãe e Serva do Senhor**" — como dizem nossas atuais Constituições, refletindo, aliás, o melhor da tradição.

Servos

Na Idade Média, porém, o termo "servo" possui outro matiz que o avizinha muito mais da mensagem evangélica. É semelhante, no seu significado, ao de "menores", "pobres", "humilhados", "penitentes" e comporta uma plena imitação de Cristo, inspirada nos textos de Marcos (10, 42-45) e Mateus (20, 25-28): "Aquêle de vós que quiser ser o maior, seja o vosso servo, e aquêle de vós que quiser ser o primeiro, seja o escravo de todos". "A exemplo do Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir".

Grupo de Amigos

Mesmo morando em diversas partes de Florença, seja por própria vontade, seja pelas exigências por que se reuniam, ligaram-se espiritualmente **por uma perfeita amizade** e por laços de amor espiritual, no começo um com outro, depois todos Sete juntos (4).

É a história de um grupo espontâneo, não diferente de muitos outros, de caráter religioso, que surgem ainda hoje dentro da Igreja: comunhão de irmãos na fé, numa forma de vida comunitária mais acentuada.

A Caminhada Continua

Desde que a união de corações já os levava a comprazer-se conjuntamente no que dizia respeito a Deus e aos homens, o Senhor os inspirou então a deixar de fato tôdas as coisas referentes a esta terra. Depois de tê-los animado nesse sentido, os confirmou em tal decisão. Decidiram-se também morar juntos, encontrando alegria na ajuda mútua, através de exemplos, palavras e obras... (5).

Seu projeto é só e unicamente uma fraternidade de testemunhas do Evangelho, sob o nome da Virgem. Nada mais.

Vivem como irmãos na pobreza de seu trabalho, na oração comum e dedicam-se às obras penitenciais e de misericórdia. Vivem ainda em Florença, perto da igreja dos "menores", de cujo espírito evangélico, aliás, participam.

Monte Senário

"... O povo os estimava tanto que todos os dias eram visitados por homens e mulheres... Assim, ocupados por êste contínuo concurso e visitas de pessoas, eram obstaculados no seu desejo de contemplação, o que muito os preocupava" (6). Eram atraídos para o silêncio e para a solidão, a fim de aí ocuparem-se exclusivamente de Deus pela oração e pela penitência.

Retirando-se para a vida solitária nada mais fizeram que dar um passo comum a outros "penitentes" contemporâneos. Mudam-se, pois, para um monte, a 17 quilômetros de Florença, chamado Monte Senário. O parêntese exclusivamente contemplativo de Monte Senário, compreendendo o período de 1241 a 1250, foi devido talvez unicamente às circunstâncias adversas. Dêste modo, se tornou ainda mais atraente o seu testemunho e acentuou um pouco mais o aspecto escatológico de sua vocação.

Mesmo predominando, pelo menos neste momento, o aspecto eremítico, a busca do **eremum** (deserto) manifesta-se, como aliás em outros casos análogos do tempo, dentro de for-

mas próprias, que a distinguem do antigo eremitismo, porque mantém elementos de vida comum, conforme o ideal apostólico da nova época.

Dêles se pode dizer o que um autor moderno da Ordem escreve:

— A contemplação e a mais radical renúncia são auxílios que acompanham a busca da plena maturidade cristã. A criatura preparada pelo longo sofrimento da disciplina, do silêncio, da separação do ilusório, **pode retornar com o rosto sereno e cheio de compaixão ao meio dos outros seres e anunciar a Boa Nova da Redenção**. As costumeiras distinções entre ação e contemplação perdem seu aparente contraste, porque da experiência dêstes homens, que tiveram a coragem da suprema renúncia, aprendemos que não pode haver ação verdadeiramente religiosa senão no fecundo terreno da contemplação... (7).

Ordem dos Servos de Santa Maria

Os Sete, de maneira alguma, tencionam fundar uma Ordem. "Jamais, dizia Aleixo, um dos Sete, foi minha intenção, ou de meus companheiros, fundar uma nova Ordem... Eu e meus companheiros acreditávamos ter sido reunidos por inspiração divina, com o único escopo de, abandonando o mundo, podermos mais fácil e dignamente cumprir a vontade de Deus" (8).

Mesmo quando aparecem os primeiros que querem unir-se a êles e imitá-los, não é pequena a oposição dos Sete. Só depois de perceberem, por diversas circunstâncias, que esta era a vontade de Deus é que se decidem a receber os candidatos, "não sem grande sofrimento por ter que deixar, em parte, a doçura da contemplação" (9).

Com efeito, é interessante observar que a **Legenda** e tôda a tradição espiritual da Ordem nunca considerou os Sete como fundadores e nunca, nem uma só vez sequer, lhes deu oficialmente êste nome. A denominação própria que receberam e recebem é: **Pais, iniciadores**, ou simplesmente **os Sete** (santos). A **Legenda** afirma por bem quatro vezes que a Senhora "não quis nenhum fundador afora ela". De fato, a fundação da Ordem é interpretada como inspiração e origem celeste. Por isso a Ordem é chamada na **Legenda** de "**Ordem da Beata Virgem Maria**", ou "**sua Ordem**", etc. (10).

De Nôvo Florença

O Monte será, de fato, não só o ponto culminante do itinerário espiritual iniciado pelos Sete, desde o momento em que se entregaram

à vida de "irmãos da Penitência", como também lugar onde, investidos da função de pais em espírito, verão florescer uma Ordem — a dos Servos de Maria.

Apenas as lutas começam a amainar, descem em direção à cidade, onde criam ambientes aptos a acolher homens desejosos de iniciar o caminho já em grande parte percorrido por eles, estabelecendo, dêsse modo, uma ligação entre o silêncio da solidão e a agitação da cidade.

Fraternidade

O que caracterizava o século dos mendicantes como sendo o século dos "frades", isto é, dos irmãos, era certo tipo de vida fraterna.

Esta se realiza em duas direções: **Para fora.** O mendicante é o "frade", isto é, considera-se irmão de todo o homem que se aproxime dêle. Nessa linha, o que está em primeiro plano não é o senhor, o nobre, o funcionário, o soldado ou o comerciante, mas, antes de tudo, "o irmão". Assim "**consideravam o próximo como irmão**", vinham em seu auxílio como o teriam feito a si mesmos... (11).

Em segundo lugar há o movimento **para dentro.** O grupo dos Mendicantes sente-se internamente unido por uma especial fraternidade na base de uma mesma vocação e profissão. Se no grupo monástico a relação pai-filho é capital, aqui, ao invés, é a de irmão para irmão. Para os Mendicantes, a "vida fraterna" é um absoluto que regula todo o resto.

Como todos os movimentos religiosos do século, os Servos distinguem-se pelo testemunho de uma vida fraterna. De fato, entre os Sete, tal fraternidade era tão real que a própria figura de um S. Bonfilho, em primeiro plano na fundação da Ordem, foi bem cedo fundida com as dos seis outros companheiros. Sua comunidade é a de um grupo de amigos que se unem no serviço do Senhor e que se tornam irmãos.

É esta a concepção originária da Ordem, como aparece na **Legenda** de S. Felipe, onde se lê, textualmente: "Após Felipe ter participado da refeição da comunidade, os frades se reuniram (os sete e outros) e o receberam **como irmão e companheiro**" (12).

Em outro documento, o ato notarial de 1251, constata-se o modo de agir específico da fraternidade: "...saiba-se que frei Bonfilho, prior da igreja de Monte Senário e os irmãos da mesma localidade, chamados Servos de Santa Maria... reunidos em sua casa junto a cidade de Florença, na localidade chamada Cafaggio, **todos e cada um dêles... com o consentimento, beneplácito e acôrdo do supra-**

mencionado prior e o próprio prior com o consentimento, vontade, licença e acôrdo dos acima-mencionados irmãos, prometeram e fizeram, de livre e espontânea vontade, voto de que em tempo algum, seja por si mesmos, seja por seu prior, seja por um dos irmãos... possuirão ou farão possuir em seu nome propriedade alguma...".

Comunhão de Bens

A pobreza é absoluta. Não podem possuir nada, nem mesmo sob forma comunitária.

Aliás, segundo a concepção agostiniana, a comunhão de bens (pobreza) está em estreita relação com a comunhão de vida. São como que os aspectos, respectivamente interno e visível, de uma única vocação: a vida "apostólica" de perfeita caridade. "Primeiramente, já que estais unidos em comunidade com o objetivo de habitar em casa no perfeito acôrdo, não tenhais senão um coração e uma só alma em Deus. E não digais: Isto ou aquilo me pertence, mas tudo vos seja comum. Pois é assim que lêdes nos Atos dos Apóstolos: eles tinham tudo em comum e cada um recebia conforme a sua necessidade" (Regra de S. Agostinho).

Os Sete, "levados por divina inspiração", decidiram em função de um programa claro unir-se para levar juntos até à morte uma vida "penitente". E depois de ter provido do necessário as próprias famílias, preparam-se para o nôvo gênero de vida, distribuindo "todo o restante aos pobres e às igrejas", decididos, segundo o Evangelho, "a não reter nada para si mesmos" (13).

Irradiação

A Ordem nasce sem uma precisa funcionalidade, a não ser de viver pobremente em comum, segundo o Evangelho.

Mesmo o aspecto particular da Ordem que é seu caráter marial, deve ser entendido dentro do contexto global de uma Ordem que nasceu no século XIII e não no tempo das congregações modernas.

Realmente, as próprias práticas de devoção mariana não nos distinguiram das outras Ordens Mendicantes, de modo que se pode encontrar, historicamente, um maior número de "referências" entre os Carmelitas e Dominicanos, po exemplo.

Além disso, à vida contemplativa, os Sete sempre uniram o dom da caridade corporal e espiritual, apostolado de testemunho e de contato pessoal, que será sempre a sua mais alta expressão.

Tôda Nossa Vida Consiste Nisso

Talvez o mais belo resumo da vida dos Sete, o espírito essencial dos Servos, se encontre na resposta de S. Felipe aos Dominicanos que o interrogavam sobre sua própria vocação: "Somos chamados **Servos da Virgem gloriosa... Vivemos a vida instaurada pelos santos Apóstolos, segundo a Regra do santo doutor Agostinho...**" (14).

De fato, por sua espiritualidade particular, a Regra de S. Agostinho era a mais apta à vida de caráter apostólico ou evangélico que se levava naquele tempo. Na verdade, tôda a Regra de S. Agostinho é um comentário vivo à vida da Igreja primitiva. Sem entrar em detalhes minuciosos, adapta-se plenamente à inquietação da volta ao Evangelho e à formação destes pequenos grupos.

Desta maneira, poderíamos, em última análise, sintetizar a vida e o espírito dos Sete na palavra de um deles, S. Bonifácio: "**Tôda nossa vida consiste nos quatro evangelhos**" (15).

Conclusão

Refletindo sobre a vida dos Sete, que buscaram avidamente a Deus e à sua vontade, que aspiraram a uma vida de silêncio para poder estar com Deus, que não tiveram um apostolado específico, mas quiseram despretenciosamente viver o Evangelho, poderíamos, talvez, nos perguntar: a crise da vida religiosa não está no fato de se ter tornado por demais "pastorizada", mas baseada nas obras e atividades externas de nossas Ordens e Congregações (nem sempre vistas em sua plenitude), antes que na "experiência" de Deus?

Para concluir e prolongar ao mesmo tempo a reflexão gostaríamos de citar, nessa linha, um autor moderno:

Parece-nos, baseados na experiência, que nem as aptidões humanas, nem a generosidade, nem mesmo a idéia de responder a uma necessidade da Igreja são suficientes, por si mesmas, para permitir a um homem consagrar tôda sua vida, de um modo perseverante, até à morte, a Deus e ao anúncio do Evangelho. Para que haja vocação neste contexto preciso de uma vocação que persevere, é essencial que exista neste homem **certa experiência de**

PRAXIS OU TEORIA?

Vivemos; sem dúvida, em um mundo onde reina a primazia da ação. Isto não se confunde, sem mais, com ativismo desenfreado ou com uma concepção ergoterapêutica da existência. Se sentimos hoje, sempre maior importância da práxis sobre a teoria, este primado traz consigo também a redescoberta do primado da caridade na ética cristã. Buscar primeiro o reino de Deus não se identifica com quietismo inativo e piedoso.

NOTAS

1. LO, págs. 53-54 (22).
2. LO, pág. 48 (18).
3. LO, pág. 49 (18).
4. LO, pág. 62 (29).
5. LO, pág. 62 (29).
6. LO, págs. 72-74 (40).
7. Vannuci, Giovanni, *Le Parole di Padri del Deserto*, Ed. Corsia dei Servi, 1958, pág. 11.
8. LO, págs. 55-57 (24).
9. LO, pág. 81 (48).
10. LO, pág. 31 (1); 40 (9); 41-42 (11); 45 (15) etc.
11. LO, 70 (37).
12. *Legenda Beati Philippi Ordinis Servorum Sanctae Mariae*, in *Monumenta O. S. M.*, II, 1898, página 70 (7).
13. LO, págs. 63-64 (30).
14. *Legenda Beati Philippi*, pág. 71 (8).
15. *Idem*, pág. 70 (6).
16. Duchêne, Pierre-Henri, *Une expérience de formation in mission ouvrière*, in *Vocations*, avril 1965, pág. 210, citado por Regamey, *l'exigence de Dieu*, Ed. Du Cerf, 1969, págs. 132-133.

BIBLIOGRAFIA

Rossi, Alessio M., *Codice Mariano. La Legenda de Origine Ordinis Servorum Virginis Mariae*, versione, commento e testo, Roma, 1951. Esta Legenda (citaremos sempre LO, seguida da página) foi o texto básico para este nosso trabalho. Foi escrita por volta de 1317 pelo prior geral Pedro di Todi (+ 1344) que conhecera pessoalmente um dos Sete, Aleixo. Parte deste escrito (a seção central) depende, com muita probabilidade, de um escrito anterior de autoria do próprio São Felipe Benício (+ 1285).

Dal Pino, Andrea M., *Un grupo evangelico del duecento*, Firenze, 1969.

Suárez, Pedro M., *La spiritualità mariana dei frati servi di Maria*. Documenti agiografici del secolo XIV, in *Studi Storici O. S. M.*, IX (1959), págs. 121-137 e X (1960), págs. 1-41.

Suárez, Pedro M., *Fraternità, Spirito e struttura dell'Ordine*, Vicenza, 1966.

Quaderni sugli Ordini mendicanti. Comitato permanente dei religiosi di Francia, commissione per gli ordini mendicanti, versione italiana a cura di Giustino d'Orazio e Natale Antonello dei Servi, Vicenza, 1965.

Deus... É necessário que este homem tenha descoberto, para além de certo limite, o Amor de Deus. Terá ele, talvez, pouca consciência deste fato. Ele o exprimirá de maneira mais ou menos clara, mas a realidade estará lá: **Deus arrebatou sua vida.** Sob o efeito desta graça, que é a vocação, ele querará viver o Reino com uma exigência assaz imediata e total. Viver agora uma vida totalmente em função de Deus, levar a vida que se levará definitivamente no Reino do Pai (16).

Querer escutar
é o mais importante
no seguimento de Cristo.
Quem se prepara para escutar
abre o caminho
da salvação.

O HOMEM DE DEUS: SÃO BENTO

A busca ensina o homem
a ter paciência e generosidade,
modéstia e esperança.
Faz com que o homem seja homem,
e Deus, Deus.

*Quem pretende escrever algo sobre
a Experiência de Deus em São Bento
encontra-se em certa dificuldade.*

*O fato é que pouco sabemos
da vida concreta do Patriarca
dos monges ocidentais. Não existe
biografia escrita por um contemporâneo
seu, menos ainda um diário espiritual
de São Bento. Temos apenas duas fontes
para o conhecimento da personalidade
dêle. E são:*

- 1. Os Diálogos de São Gregório Magno,
cujo Livro II: Vida e Milagres
de São Bento, é dedicado ao nosso Santo.*
- 2. A Regula Monachorum,
a Regra escrita por São Bento.*

*O título dado pelo grande papa ao seu
livro sobre São Bento já é suficiente
para o homem moderno duvidar do valor
daquilo que êle relata: Milagres.*

*Então deve tratar-se de lendas, histórias
edificantes, porém, sem valor científico.*

*Verdade é que Gregório Magno
não está interessado em transmitir-nos
a biografia de São Bento. Tão pouco,
aliás, os Evangelistas nos querem
oferecer uma biografia de Jesus.*

*Sua preocupação é mostrar que São Bento
era realmente um "homem de Deus",
cheio do "espírito de todos os justos".*

*Apresenta o seu herói como "profeta",
homem que irradia a presença de Deus
em si, homem que está repleto do Espírito
Santo. Compara o Patriarca dos Monges
aos patriarcas e profetas: Abraão, Moisés. . .*

As poucas notícias biográficas que encontramos no Livro II dos Diálogos nos revelam perfeitamente esta preocupação. Isto não quer dizer que elas não sejam fatos históricos. Gregório colheu estes dados de pessoas de cuja probidade não podemos duvidar: os sucessores de São Bento em Montecassino, o Abade de Subiaco, o Abade do Mosteiro Lateranense, que conheceram pessoalmente o fundador do Mosteiro de Montecassino. Portanto, as notícias biográficas nos permitem descobrir as etapas principais da vida com Deus de S. Bento.

A VOCAÇÃO

Descendente de uma família nobre de Núrsia, pequena cidade situada nos Montes Sabinos, Bento inicia os seus estudos em Roma. São tempos confusos, tanto no campo político como na Igreja, estes últimos anos do século V. É uma época de declínio do mundo antigo, de decadência cultural e moral. O jovem estudante, vindo de uma região cujos habitantes Cícero chamou de "homens severíssimos", não se sente bem. Invade-o o medo, "medo de despenhar-se por inteiro no abismo" da ambição e da sensualidade, no qual vê cair muitos colegas. Deixa "os estudos, a casa paterna, os bens".

Parece-nos bastante negativo, este início da vocação de São Bento: fuga do mundo! Gregório, porém, logo acrescenta: desejava "agradar somente a Deus". Portanto, o último motivo era o amor de Deus, não o medo de um mundo sedutor.

EXPERIÊNCIA DO DESERTO

Agora, Bento se retira à solidão. Durante três anos, leva vida eremítica numa gruta de acesso difícil, perto de Subiaco. Está separado a tal ponto da convivência humana que nem sequer está sabendo que é dia de Páscoa, quando recebe a visita de um sacerdote. Os pastores e camponeses que se encontram com o jovem eremita, primeiro pensam estar diante de um animal selvagem. — Ficamos assustados com o pensamento: que descuido terrível! Parece maniqueísmo — negação dos valores da civilização, desprezo do corpo humano! Mas é típico para os monges orientais da época primitiva e notamos que São Bento ainda não descobriu o seu caminho próprio. É igualmente

A busca protege o homem contra a tendência de apoderar-se de Deus, de dispor d'ele, de aproveitar-se d'ele, para os próprios planos.

Surge em nossa mente a figura de Abraão:

— **Deixa tua terra, tua família e a casa de teu pai (Gên 12,1).**

Ela revela uma característica da atitude de Bento diante de Deus: a OBEDIÊNCIA na FÉ. Aliás, Bento não se retira logo à solidão. Habita, por algum tempo, numa aldeia, Enfide, na companhia de um grupo de "ascetas". Só quando a sua vida de fervorosa piedade, típica, aliás, para o iniciante da vida espiritual, atrai a atenção do povo é que ele foge. "Preferia fatigar-se no serviço de Deus a ser alçado pelos favores do mundo".

Preferir DEUS a tudo,
é a experiência dos santos,
o início de sua vocação.
Basta lembrar o apóstolo Paulo:
"Por Cristo renunciei a tudo
e a tudo considero lixo
para ganhar o Cristo" (Fil 3,8).

um radicalismo juvenil, no júbilo do primeiro amor. É resultado da primeira graça experimentada no deserto, na solidão: a proximidade de Deus.

O jovem eremita descobriu o Tu divino que o chama. Não conhece outra preocupação a não ser a contínua procura d'Ele. Encontrou a pérola preciosa e dá, com alegria do coração, tudo para ganhá-la. Não quer demorar nos sinais que indicam a Deus, quer encontrar-se com Ele. O Espírito de Deus e a consequência de um amor radical o levam ao deserto.

Mas o deserto é também lugar da tentação, da luta. Deus se esconde. O passado surge. O

desejo "das panelas de carne" (Êx 16,3), da vida mais fácil, porém, medíocre. O jovem Bento experimenta igualmente essa tentação e só com decisão firme e rigorosa ascese sai vencedor, pela graça de Deus. Assim, Bento chega a esperar tudo de Deus, a confiar unicamente na sua graça, descobrindo em seguida a alegria profunda de viver sob a direção do Espírito de Deus, de ver em tudo a ação divina.

MISSÃO PARA OS HOMENS

Não é Bento que toma a iniciativa, não é ele que planeja e realiza, passo por passo, uma obra. Sempre é Deus que, por meio de pessoas e acontecimentos, lhe revela a sua vontade. E Bento procura corresponder a ela sem pretensões pessoais. Chegam os monges de uma comunidade vizinha pedindo que ele fique sendo o seu superior. Bento aceita após muita hesitação, prevendo o fracasso por serem aqueles monges pouco fervorosos. Realmente, a experiência falha, Bento se retira, no mesmo instante, "com o rosto plácido e a mente tranqüila". Longe de qualquer ambição, é capaz de suportar o fracasso. Ao lado da humilde aceitação, porém, sabe muito bem, que o malôgro não é culpa sua. Diz aos monges desregrados:

— Vão procurar outro abade que condiga com os seus costumes! Comigo não podem contar.

Volta à solidão, até que Deus outra vez o chame. Vêm muitos jovens desejosos de, sob a direção do santo, levar a vida monástica. Distribui os discípulos em doze comunidades pequenas, situadas tôdas em volta de Subiaco, cada uma com seu "Prior", enquanto Bento fica o pai espiritual de todos. Reina entre os monges o espírito dos primeiros cristãos. São um só coração e uma só alma. Porém, ainda Bento não está no fim de sua caminhada.

Cedendo à hostilidade de um sacerdote da vizinhança, ciumento por causa da influência de Bento, o Abade deixa os seus mosteiros, escondidos no vale do Anio e, acompanhado por um grupo selecionado de monges, dirige-se ao Monte Cassino, entre Roma e Nápoles. Ali, nas alturas, ergue seu mosteiro, visto pelos homens qual cidade sôbre a montanha, voltado para o futuro. Bento é o homem positivo, construtivo. É como que a encarnação da vontade de Deus que ama a tudo o que Ele criou e que quer a salvação de todos. Livre de qualquer

O deserto não é meta, é etapa na marcha à terra prometida. É preparação para a missão a ser cumprida entre os homens. Assim o encontramos na vida de Jesus, de S. Paulo e de muitos outros. Bento, uma vez descoberto, já não foge. Agora está pronto a servir a Deus nos irmãos. Evangeliza aqueles pastores e camponeses, ainda pagãos, que sentem no jovem eremita a irradiação da vida de Deus.

ambição pessoal, Bento torna-se instrumento apto na mão de Deus que, despercebidamente, salva um mundo arruinado. (W. Nigg).

Na sua experiência de Deus, até então, nada vemos de extraordinário. Vocação à qual o jovem estudante diz um **Sim** firme. Tempo de prova no deserto. Missão profética entre os homens, não procurada, mas indicada por Deus. Só no fim de sua vida lhe foi concedida uma graça mística. Assim conta Gregório:

— O homem de Deus, Bento, antecipava em vigília a hora da oração noturna. Ora, eis que estando à janela em prece ao Deus onipotente, de súbito, na calada da noite, olhou para cima e viu uma luz que se difundia do alto e dissipava as trevas da noite, brilhando com tal esplendor que, apesar de raiar nas trevas, superava o dia em clareza. Nesta visão seguiu-se uma coisa admirável, pois, como depois ele mesmo contou, também o mundo inteiro lhe apareceu ante os olhos, como que concentrado num só raio de sol...

Depois, Gregório mesmo tenta interpretar a visão:

— Para a alma que vê o Criador, tôda criatura é pequena... Ao ser raptada acima de si na luz de Deus, amplia-se a alma interiormente e, quando, nesse estado de exaltação, olha debaixo de si, compreende quão pequeno é tudo aquilo que está debaixo de Deus.

Essa experiência nada tem a ver com o desprezo do mundo, como veremos depois, mas coloca tudo no lugar que lhe cabe, que lhe foi dado pelo Criador. Nessa visão, a própria morte recebe o lugar que lhe convém. Bento, enfraquecido por uma febre, deixa-se levar à capela onde recebe o viático e, rezando, de pé, enfrenta a morte, passagem para a vida com Deus, sem fim.

Nada antepor ao Cristo.

Nada haver mais caro do que o Cristo.

Nada, absolutamente, antepõemham (os monges) ao Cristo.

Palavras-chave da Regra Beneditina.

A REGRA DOS MONGES, ESCRITA POR SÃO BENTO

O próprio Gregório Magno chama atenção sobre outro documento importante para quem quer conhecer mais autenticamente a São Bento:

— Quem deseja conhecer
mais a fundo seu procedimento
e suas ações,
encontrará na doutrina
de sua Regra tãda a vida do mestre,
pois o homem santo não ensinou
outra coisa senão o que êle mesmo viveu.

Examinemos, portanto, a Regra Beneditina (RB) para verificar o que ela nos revela sobre a experiência de Deus de seu autor. Quem lê, pela primeira vez, o documento básico do monaquismo ocidental, talvez se sinta decepcionado. A Regra não contém muitas passagens "edificantes", pensamentos elevados. Mas, atrás das palavras sóbrias revela-se a prontidão e a confiança de ver no apêlo de Cristo para o seu seguimento não um belo ideal a apreciar e sim, uma realidade a viver, mediante a fé na presença do Senhor ressuscitado.

Podemos resumir a finalidade da vida do monge na seguinte fórmula: VOLTAR ao PAI, GUIADO por CRISTO, na COMUNIDADE dos IRMÃOS.

VOLTAR AO PAI

A volta ao Pai, isto é, a conversão contínua, S. Bento a chama de "busca de Deus". Não é exclusivamente cristã, menos ainda monástica, a idéia da busca de Deus. Todos os homens, criados por Deus e vivendo no mundo criado por Êle, perguntam por seu Criador, às vezes, sem saber o seu nome. Para São Bento, porém, e para os seus discípulos, a busca de Deus é a única finalidade de sua vida. Quem procura, perdeu algo, mas não se conforma com a perda. A "conversão" — como Bento a realizou no comêço de sua vocação, e como êle a exige do noviço que se apresenta para viver no mosteiro, — pressupõe a experiência que o mundo, que a humanidade, perderam o seu Deus. Porém, nem São Bento, nem seus discípulos param diante desta constatação: iniciam a procura de Deus, na ânsia e na esperança de O encontrar.

Quem procura, já está com aquilo que procura, apesar de não o ter em mãos e de não poder dispor dêle. Mas aquilo que o homem procura enche os seus pensamentos e o seu coração e dirige os seus passos. O objeto que o homem procura dessa maneira, pode estar mais perto dêle, pode marcar mais profunda-

mente a sua existência, do que aquilo que êle tem em mãos e talvez o desperdice ou não aprecie. Será possível o homem ter outra atitude diante de Deus do que a daquele que está à procura?

A busca protege o homem contra a tendência de apoderar-se de Deus, de "dispor" d'Êle, de "aproveitar-se" d'Êle para os próprios planos. A busca ensina o homem a ter paciência e generosidade, modéstia e esperança; faz com que o homem seja homem, e Deus, Deus.

O Deus que São Bento apresenta na Regra é o "Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo" (2 Cor 1,3). O Deus a quem Jesus anuncia não é de modo algum um "Papai Noel", um bonachão de barba comprida que mime os homens. Pelo contrário, Êle é o Deus que se revelou, por Palavras e Ações, como Senhor da história e do Universo, juiz dos homens e Criador, o "Santo de Israel". Êle é o Deus transcendente cujos pensamentos o homem não pode penetrar.

Ao mesmo tempo, o Deus Santo, Senhor e Juiz, é Javé, aquêle que está perto para ajudar, para salvar. É amigo dos homens com os quais Êle conclui sua Aliança. É Pai misericordioso que vai ao encontro de seus filhos. Assim como na mensagem de Jesus realça a figura do Pai, assim ela realça igualmente na Regra de São Bento, imbuída do espírito do Evangelho. Algumas citações da Regra o mostram:

DEUS é o SENHOR onisciente e onipotente: "Considere-se o homem visto do céu, a todo momento, por Deus" (RB 7). Êle "vê em todo lugar" (RB 4), "vê o coração" (RB 5). Deus é o "Senhor do Universo" (RB 19).

DEUS é o JUIZ ao qual devemos prestar contas. O Abade seja "côncio de que, sem dúvida alguma, de todos os seus juízos deverá dar contas a Deus, justíssimo juiz" (RB 3). O celeireiro "cuide com tãda solicitude dos enfermos, das crianças, dos hóspedes e dos pobres, sabendo, sem dúvida alguma, que deverá prestar contas de todos êsses, no dia do juízo" (RB 31). Todos os monges considerem-se já "como presentes diante do tremendo juízo de Deus" (RB 7).

DEUS é o PAI MISERICORDIOSO. Êle se dignou "contar-nos no número de seus filhos" (RB Pról.). O próprio Deus, "pela sua paterna bondade nos mostra o caminho da vida" (RB Pról.). Deus é "o bom Senhor que não quer a morte do pecador, mas sim, que se converta e viva". Por esta razão "os dias desta vida nos são prolongados como tréguas para a emenda dos vícios" (RB Pról.). E, no fim da lista dos "instrumentos da arte espiritual" São Bento exorta o monge: "Nunca desesperar da misericórdia de Deus" (RB 4).

GUIADO POR CRISTO

O que distingue o cristão de outras pessoas que procuram a Deus é a sua fé. O cristão acredita que o Deus a quem ele busca se revelou na pessoa de Jesus Cristo. Ele é o lugar de encontro com o Pai. Nêle, a procura de Deus torna-se concreta, por ser Ele o Filho de Deus. Diante d'Ele, o homem não pode ficar neutro, deve tomar posição, deve decidir-se na fé.

Portanto, não nos admiramos que a pessoa de Cristo está no centro da Regra de São Bento. O amor de Cristo é ao mesmo tempo motivo e meta para a vida monástica. "Nada antes do Cristo" (RB 4); "nada haver mais caro do que o Cristo" (RB 5); "nada, absolutamente, antepõem (os monges) ao Cristo" (RB 72). Essas expressões são palavras-chaves da Regra.

O seguimento de Cristo, por amor, revela-se como sincero e autêntico na obediência de fé em Cristo Jesus. Importa escutar a Palavra que Deus dirige a nós: "Escuta, filho...", assim começa a Regra. Assim inicia-se a conversão. O querer escutar é o mais importante no seguimento de Cristo. Quem se prepara para escutar, abre o caminho dá salvação.

Em primeiro lugar, encontramos a palavra na SAGRADA ESCRITURA que ocupa lugar de destaque na vida do monge. Para São Bento, ela não é letra morta, mas apêlo do Deus vivo: "desperta-nos a Escritura"; "adverte-nos a voz divina que clama todos os dias" (RB Pról.). Ela é a voz do Pai misericordioso e bondoso que convida o homem à conversão e lhe promete a recompensa preparada para aqueles que amam a Deus: ser "co-herdeiros de seu Reino" (RB Pról.).

A Sagrada Escritura é também a Lei Divina, expressão da vontade de Deus a qual o monge deve obedecer. Ela é "norma retíssima

da vida humana" (RB 73). E o monge "trilha os caminhos de Deus, guiado pelo Evangelho" (RB Pról.).

A afirmação mais profunda, porém, da importância da Sagrada Escritura é, sem dúvida, a seguinte: Ela é "luz deífica, luz que diviniza" (RB Pról.). A expressão lembra a doutrina dos Padres da Igreja acêrca da divinização do homem pela ação da graça de Cristo. Realmente, a Sagrada Escritura é o "Sacramento da Palavra", é presença de Deus, presença do "Verbo encarnado".

Mas, a Escritura ainda não assegura que o monge responda sempre ao apêlo de Deus nela encontrada. Pode esquivar-se da responsabilidade. A própria autoridade da Bíblia chama, por isso, atenção sôbre uma possibilidade mais concreta de obedecer a Deus em Cristo. Jesus institui na sua Igreja as diversas funções: apóstolos, "profetas", homens carismáticos incumbidos da interpretação da Palavra para cada tempo e lugar. Entre os carismáticos, São Bento conta, segundo a tradição antiga, o Abade. Portador do Espírito, nêle o próprio Cristo está presente entre os monges: "Crê-se que, no mosteiro, ele faz as vêzes de Cristo" (RB 2 e RB 63).

Notemos bem: São Bento diz: "Crê-se". É à luz da fé que se vê na pessoa do abade o Cristo, não é por simples simpatia ou por reconhecimento de qualidades especiais. O abade, por sua vez, deve mostrar por seu procedimento que o Cristo está falando e agindo por meio dele: "Deve lembrar-se sempre daquilo que é chamado o corresponder pelas ações ao nome de superior" (RB 2). Deve "servir aos temperamentos de muitos e se adaptar a todos" (RB 2). "Saiba convir-lhe mais servir que presidir... e faça prevalecer sempre a misericórdia sôbre o julgamento" (RB 64).

COMUNIDADE DOS IRMÃOS

Não é apenas no abade que o monge encontra o Cristo, na fé. Já que o Senhor prometeu a sua presença "onde dois ou três estão reunidos em seu nome" (Mt 18,20), o lugar de encontro com Ele é a comunidade. O próprio abade deve ouvir, nos assuntos mais importantes, o conselho dos irmãos "porque muitas vêzes o Senhor revela ao mais môço o que é melhor" (RB 3). Servindo-se uns aos outros, os irmãos servem ao Cristo; obedecendo-se uns aos outros, obedecem ao Cristo.

O amor de Cristo abre os olhos do monge e lhe dilata o coração de modo que possa descobrir o Cristo em tôdas as pessoas. Elas se tornam transparentes pela fé, revelam a face do Filho de Deus feito homem. "Deve tratar-se dos enfermos de modo que se lhes sirva como verdadeiramente ao Cristo" (RB 36). Todos os hóspedes sejam recebidos como o Cristo" (RB 53). "Mostre-se, principalmente, um cuidado solícito na recepção dos pobres e peregrinos, porque sobretudo na pessoa dêses, Cristo é recebido" (RB 53).

Afinal, podemos dizer que toda a convivência fraterna dos irmãos, assim como a Regra a apresenta, está inspirada no clássico "código da Comunidade", no cap. 18 de Mateus e no exemplo da Igreja primitiva cuja imagem ideal Lucas descreve nos Atos dos Apóstolos. Transcrevemos aqui, em parte, o cap. 72 da Regra:

— ...Antecipem-se uns aos outros em honra. Tolerem pacientíssimamente em suas fraquezas ... rivalizem em prestar mútua obediência; ...ponham em ação sinceramente a caridade fraterna; temam a Deus com amor; amem ao seu abade com sincera e humilde caridade; nada, absolutamente, antepõem a Cristo, que nos conduza juntos para a vida eterna.

A comunidade é o lugar onde a Igreja se concretiza, a Igreja que deve ser presença sacramental de Deus no mundo. Somente onde se pratica a caridade, aí se dá testemunho de Deus assim como ele é. Somente onde há amor e bondade pessoais, aí Deus está. A experiência de Deus, de Cristo, na comunidade seja talvez o ponto que mais atrai o homem moder-

BIBLIOGRAFIA

Regra de São Bento, tradução de Dom João Evangelista de Oliveira Ribeiro Enout, OSB, Salvador, BA, 1958.

Vida e Milagres de São Bento, Livro II dos Diálogos, São Gregório Magno, Mosteiro de São Bento, Rio de Janeiro, 1946.

São Bento e a Vida Monástica, D. Claude J. Nesmy, Agir, Rio de Janeiro, 1962.

Die Biblischen Grundlagen der Regula Benedicti, Sigismund Pawlowsky, Wien, Herder, 1965.

no: "Nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo" (1 Jo 1,3). Continua, porém, tarefa do cristão tornar possível esta comunidade de fé, como sinal e testemunho da presença de Deus vivo, diante de um mundo cético e incrédulo e, ao mesmo tempo, aspirando pela libertação, pela salvação.



O HOMEM ESTÁ PERDENDO PELAS RUAS:

◆ **A PALAVRA.** A palavra tem sentido quando nasce do silêncio, das profundidades. Ora, o silêncio está desaparecendo: risadas, rumor, tagarelices, invadem tudo.

◆ Desaparece também a capacidade de **REPOUSO**. Repouso não significa: não fazer nada. O repouso é criador. É vida que se constrói em si mesma. A ação recebe o seu significado próprio e a própria profundidade do repouso.

◆ **O ENCONTRO COM OS OUTROS** para ser frutuoso supõe que eu seja interiormente rico. Ora, hoje em dia, tudo está exposto, na vitrina, nos murais. Com que facilidade o homem se governa pela propaganda.

Cresce a **CIÊNCIA** a respeito do mecanismo exterior das coisas. Mas é um saber no sentido de possuir, dominar. Não abrange a essência, o significado das coisas em relação à totalidade da existência. A ciência aumenta. A verdade diminui.

O HOMEM PARTNER DO CRIADOR

Havia uma Teologia da Guerra. Criou-se uma Teologia dos Negócios. Uma obstinada condenação da usura está nas origens do capitalismo. Circulou sempre uma Teologia da História. Faltava uma Teologia do Trabalho, ou seja, uma Teologia das realidades terrestres. O clima ideal de seu crescimento e maturação foi o desaparecimento progressivo do trabalho artesanal diante do trabalho industrial, modificando a vida não só dos indivíduos como da humanidade.

Hoje o trabalho não tem só finalidade individual de ganhar o pão ou a qualidade capitalista do crescimento. Produzir hoje tem significado mais amplo, abrangendo os fins humanos de promoção individual e coletiva numa economia de serviços e de necessidades. O trabalho é fonte de energia social a serviço imediato de toda a humanidade. Além do limite das pessoas individuais, o trabalho desemboca na evolução da sociedade.

VIDA RELIGIOSA

A crise na vida religiosa feminina é tão aguda quanto nos institutos masculinos? Ou mais? Quais seriam as razões?

A crise da vida religiosa feminina se situa dentro da crise geral no mundo, na Igreja, na vida religiosa, e assim vem carregada de traços comuns, muito radicados no contexto sócio-cultural em que se insere. Dentro desses aspectos comuns, podemos notar algumas características que lhe são próprias.

Primeira.

Sob certos pontos de vista, parece menos aguda do que nos Institutos masculinos. Há uma **maturidade afetiva**, em geral maior, embora se note certa imaturidade nos elementos que, sem transição, passaram de juvenatos, colégios etc. à vida religiosa. Mais freqüentemente, a candidata à vida religiosa feminina entra somente depois de certa maturidade afetiva, pois sua vida transcorreu em plano mais orgânico de convivência familiar e social, no lar, na escola, muitas vezes, mista, ou no setor profissional. O religioso entrava quase sempre prematuramente, seja para uma escola apostólica em que por vezes nem sequer ia às férias na família, seja para o seminário. Além disso o rapaz amadurece mais tarde que a moça.

Segunda.

Sob outros aspectos, principalmente no plano intelectual, muito freqüentemente para a religiosa faltou melhor aprofundamento intelectual e teológi-

Forçoso é reconhecer que há ainda em relação às contemplativas certa concepção que as vê como menores, ou guarda uma imagem da mulher no contexto sócio-cultural da baixa Idade Média.

A dimensão contemplativa foi, em todos os tempos, e deve ser, de toda a vida religiosa e mesmo cristã, em geral.

CONTEMPLATIVA FEMININA

co. O religioso, devido sobretudo ao sacerdócio, teve melhor formação neste plano, em geral. Daí, talvez, o fato de que a projeção da crise dos religiosos, sobre as comunidades femininas trazer crises agudas àquelas que são menos maduras afetivamente e provocar confusão de valores em muitos membros, com pouca fundamentação ainda quando afetivamente integrados.

Terceira.

Na vida contemplativa isto também se verifica, nos mesmos planos, embora talvez menos acentuadamente. É difícil fazer uma apreciação mais por-

menorizada devido à grande diversificação de situação dos Mosteiros contemplativos no Brasil. Mesmo assim, o fato de uma vida centrada na oração e no trabalho, no convívio diário com a Sagrada Escritura traz possivelmente uma orgânica integração de personalidade. Há também menos ocasiões de se defrontar com certos questionamentos mais agressivos. Uma análise mais correta do âmbito da crise e de suas razões diversas pediria uma pesquisa mais ampla, que não poderia ser feita imediatamente.

Tanto quanto se pode notar há muitos indícios válidos de superação da crise, na vida religiosa em geral.

Há razão de se afirmar que a vida religiosa contemplativa não exerce atração sobre as jovens de hoje? (1)

Seria preciso distinguir, levando em conta as diversas reações dos jovens: 1.º Quanto à sua atração para a vida contemplativa enquanto aí buscam um encontro com o absoluto, de Deus e da própria identidade. 2.º A atração vocacional, para abraçar tal forma de vida.

Preliminarmente também notar as diversas reações de jovens hoje.

a) Uma faixa de jovens, de ambos os sexos, sobretudo em classe B alta, se desliga de toda preocupação religiosa ou pelo menos procura desligar-se. b) Outra faixa se prende a grupos ideológicos e busca também um pouco indistintamente o absoluto em suas vidas, fazendo muitas vezes absolutização da própria ideologia. c) Há os jovens que estão numa busca muito viva de um sentido de vida que transcenda o horizonte da sociedade de consumo, mecanizada — uns nas formas mais diversas de protesto, desde o hippie aos grupos mais integrados de estudantes, ou mesmo em faixas de contestação mais discreta. Dentre esses começam a surgir com vitalidade crescente os grupos de jovens cristãos que redescobrem uma dimensão evangélica em suas vidas.

Nos grupos b e c encontramos interesse e atração pela vida contemplativa.

1.º Quanto à busca de um lugar onde podem encontrar-se com o absoluto de Deus e encontrar-se a si mesmos num plano de maior profundidade são sensíveis à mensagem da vida contemplativa que pode ajudar a redescobrir a dimensão da vida sufocada pela sociedade atual.

Como exemplo, pode-se notar o número crescente de estudantes que buscam os mosteiros para dias ou tardes de silêncio, reflexão, oração, diálogo. Essa necessidade se manifesta também noutras modalidades como evidenciam grupos de jovens que procuram junto a monges, iogues ou zens etc. essa mesma dimensão. Em várias cidades do Brasil, Belo Horizonte, Rio e outras, nota-se o mesmo movimento.

2.º Quanto à atração para abraçar este estado de vida, ela existe, embora haja real decréscimo de número de vocações. Comparativamente, não é fácil dizer se esta atração é maior ou menor do que para as outras formas de vida religiosa, pois há congregações ativas com noviciados florescentes, como por exemplo: das Clarissas Franciscanas Missionárias, das Filhas da Caridade etc.

Como responder à afirmação de que a vida religiosa contemplativa é fuga do mundo? Hoje em que buscamos a integração?

Antes de qualquer resposta será preciso situar a ambigüidade deste termo **mundo**. É também do sentido original da palavra fuga aí empregada.

É evidente que o termo mundo, não se refere aqui ao universo como tal nem à comunhão com todos os homens que a vida contemplativa integra justamente na sua totalidade, a não ser enquanto ela é

Serão usados os termos "contemplativa" e "ativa", no seu sentido geral, apesar de sua ambigüidade e impropriedade.

de modo mais radical a desprivatização de posses, família, autonomia, estruturas a fim de chegar à maior liberdade no Cristo e a testemunhar *hic et nunc* a sua dimensão escatológica. O estudo do Pe. João Batista Libânio SJ sobre o Testemunho Público, evidencia muito bem este aspecto, nega sim o mundo enquanto oposição ao Cristo. Ao mundo enquanto se integra no Cristo, é o deixa para melhor servi-lo, e abraçá-lo. Do mundo da iniquidade, ela foge pela conversão, como deve fugir todo ser humano.

Assim, de fato, a vida religiosa contemplativa, é um contínuo êxodo, uma acentuada vocação abraâmica. Assim este êxodo é caminho de liberdade e comunhão.

Por isso, nesta civilização que cerceia a liberdade, na sua dimensão política condicionada ao poder econômico e técnico, na própria dimensão individual e social de opinião em que a sociedade e o indivíduo são manipulados pelos que detêm maiores meios de comunicação e propaganda, e mesmo na consciência humana vinculada por um relativismo crescente esta sociedade traz a incapacidade de apreender o próprio Deus. Nesta civilização, a saída do mundo, no sentido em que se aplica à vida contemplativa, é esta desvinculação. É liberdade!

Liberdade que pode redespertar nas consciências a meta para Deus, que abre de novo o caminho

Que novos elementos seriam indispensáveis na renovação da vida religiosa contemplativa feminina?

Esta pergunta poderia ser respondida juntamente com a sexta e a sétima. Em primeiro lugar a vida religiosa contemplativa feminina pediria que se desse à religiosa contemplativa um reconhecimento de sua condição de adulta, responsável e que isto a levasse a uma convicção sempre mais viva e vivenciada dos valores fundamentais desta vocação contemplativa.

Que na formação tanto do noviciado como na formação contínua houvesse condições de um aprofundamento real, para uma vida de oração mais consciente, mais responsável. Uma comunhão eclesial sempre mais lúcida da dimensão missionária apostólica desta vocação.

Ainda, dentro desta consciência adulta, uma decidida atitude que assuma o trabalho "não só para

A vida religiosa contemplativa sente-se investida de uma missão específica para o mundo atual?

Pròpriamente se poderia dizer que especificidade da vida religiosa contemplativa é antes não ter especificidade, é ser vida religiosa *tout court*, naquela peculiar consagração de vida radicada na consa-

para a verdadeira plenitude humana, é testemunha do absoluto de Deus, abertura para ele e para os homens. Lembra a todos que fomos criados para a liberdade, desvenda de modo mais livre a própria identidade que leva à integração na comunhão fraterna e marca o destino da caminhada da história.

Acentua a estabilidade na fé, para uma total desinstalação, uma saída contínua, um deixar para participar.

Neste sentido, deixar o mundo é ser peregrino do absoluto, é ser portador da esperança. É liberdade total que pode e deve fazer da vida contemplativa o sinal luminoso do Reino. É o paradoxo de uma estabilidade que corre e caminha ao sôpro impetuoso do Espírito.

Processu vero conversationis et fidei, dilatato corde, inermabili dilectionis dulcedine, curritur... (Regra de São Bento) — Paradoxalmente esta corrida da vocação contemplativa, sempre como sentinela, sempre como peregrina, se afirma na desvinculação de um êxodo contínuo que a desvincula e liberta.

Há sempre, na verdade, o perigo de uma instalação, seja numa segurança material, intelectual, ou espiritual, que como em qualquer vida religiosa, somente o processo de uma conversão diária, de um renovar-se continuamente pode impedir.

seriam indispensáveis na renovação da vida religiosa contemplativa

ganhar honestamente o pão"... "mas ainda a se tornarem cada dia mais hábeis para os diversos trabalhos, **consoante as exigências da época**" (cf. Pio XII).

Para tudo isto, se torna urgente uma colocação de valores, no seu lugar real, sem que se inverta o próprio conteúdo de valores internos e vitais, tomando muitas vezes o envólucro pelo mesmo conteúdo. Seria de desejar, nesse plano de uma visão adulta da religiosa contemplativa, maior flexibilidade quanto a certas formas materiais de expressão de clausura que denotam uma concepção de minoridade e paternalismo, e são resquícios de um contexto sócio-cultural medieval, ainda remanescentes.

Que as religiosas contemplativas fôssem objeto da mesma consideração adulta que as religiosas de vida ativa.

gração batismal, acentuando o seguimento do Cristo naquela orientação permanente de vida para Deus. Não tendo obras de apostolado específicas, se insere na Igreja como sinal do transcendente, presente

hic et nunc, "na experiência dêsse agora do Reino de Deus", em sua tensão escatológica.

Justamente neste mundo de hoje, a vida contemplativa sente-se mais do que nunca chamada a um testemunho atualíssimo de sua missão. Para uma sociedade carente do que responda à sua busca de absoluto e que recusa uma civilização desumanizadora, ela deve apresentar-se sempre mais vivamente como o lugar do encontro com êsse Absoluto Vivo, no qual o ser humano encontra-se a si mesmo na integração no Cristo, que não somente unifica nêle tôdas as coisas tanto as do céu como as da terra, mas associa a vida religiosa ao seu mistério pascal.

Assim, para o mundo de hoje, a vida religiosa contemplativa é sinal vivo dêsse mistério de Páscoa, **no êxodo**, na caminhada para a Pátria, anúncio da Vinda do Senhor que transfigura a imagem do universo e revela sua plenitude, como também **na entrega** de vida com Cristo, pelos irmãos, na responsabilidade de comunhão num corpo assumindo

na oração, no Cristo, nôvo Moisés, os anseios, as buscas, as carências de todo o povo. No coração do mundo será êste sinal, êsse impulso para um caminhar, um sair contínuo que dá sentido ao dinamismo da História.

As solicitações do povo de Deus às casas contemplativas, se tornam cada vez mais prementes neste sentido. Vêm buscar um lugar em que possam encontrar-se, onde possam redescobrir a direção de suas vidas e do universo, onde encontram a verdadeira liberdade vivida nesta vocação. Foi êste o testemunho recente de um grupo de Brasília, tendo passado duas tardes, participando da oração comunitária e **parando** um pouco no silêncio, para re-encontrar a direção.

Outro aspecto que caracteriza particularmente a vida contemplativa e que para o mundo se reveste hoje de uma missão muito premente é o testemunho da gratuidade, tanto a gratuidade do dom de Deus como a gratuidade da nossa vida para Deus.

Quais os maiores entraves na renovação da vida religiosa contemplativa feminina? Externos e internos?

Obstáculos externos. Apesar de certo reconhecimento da responsabilidade adulta da mulher, ainda são acentuadamente detalhadas as normas e prescrições relativas, por exemplo, à clausura e ainda está longe a entrega de responsabilidade própria às casas contemplativas, no que diz respeito a sua organização e orientação práticas.

Isto cerceia o crescimento adulto, necessário em tôdas as épocas e, máxime, tão urgente hoje. Não há nesta observação nenhuma intenção reivindicatória ou qualquer atitude de desligamento da orientação eclesial mas a constatação de uma ocorrência na visão da responsabilidade adulta da vida religiosa contemplativa feminina. O que não ocorre, por exemplo, em relação às outras formas de vida religiosa feminina.

Obstáculos internos. Devido a tal situação externa, há de fato, muito comumente, um despreparo para tomar em mãos, adultamente, o próprio crescimento, a própria organização. Permanece uma carência de meios para uma formação mais apta a enfrentar os problemas de hoje e responder às interrogações das vocações que entram já perplexas, vindo de um ambiente onde todos os valores são questionados.

As possibilidades de um aprofundamento teológico na formação, para as contemplativas ainda são bastante limitadas, de modo geral. Também certa falta de flexibilidade para adaptações em relação a constituições mais frágeis, dependendo sempre de licenças extraordinárias e externas, dificulta a integração mais orgânica de algumas, pela tensão causada.

Qual a concepção sôbre a mulher que transparece da legislação eclesiástica, no tocante a mosteiros de clausura?

Embora, por exemplo, a **Octogesima Adveniens** afirme sua independência como pessoa, e igualdade dos seus direitos a participar na vida cultural etc., salvaguardando seu papel específico, e do mesmo modo tenha havido certas colocações afirmando sua função adulta, forçoso é reconhecer que há ainda, em relação às contemplativas certa concepção

que as vê como menores, ou guarda uma imagem da mulher no contexto sócio-cultural da baixa Idade Média, não de toda isenta de certa visão mitológica de sua presença feminina. Daí certas normas de detalhe de proteção que levam de certo modo a infantilizá-la, ou dar-lhe uma visão negativa de valores positivos.

A conceituação moderna de vida religiosa contemplativa, no seu aspecto teológico e prático, coincide com as concepções do passado?

Como foi observado na pergunta 1, o termo traz certa ambigüidade de conteúdo, e sua aplicação foi também variada através das épocas. Assim, por exemplo, no tempo de São Bento, do Magister e sobretudo Cassiano, o termo aplicava-se antes à vida especificamente eremita. A contemplação, no entanto, era apanágio de todos, como dom do Espírito. Já na alta Idade Média o termo "vida contemplativa" se aplicava a toda vida monástica, mas queria apenas especificar um estado de vida religiosa permanente. Já o conceito moderno se refere à vida religiosa, sem fins específicos de apostolado. A dimensão contemplativa foi em todos os tempos, e deve ser, de toda vida religiosa e mesmo cristã em geral. Ação e contemplação "não podem ser consideradas como duas vias paralelas sem comunicação" como às vezes tende a designar, a linguagem moderna.

Mesmo no seu aspecto teológico prático, há como que uma redescoberta hoje que matiza melhor a separação e quase oposição com que os dois termos foram marcados no decorrer dos últimos tempos.

O que se poderia fazer para ajudar os mosteiros femininos brasileiros, no seu processo de renovação, união e integração?

Devido à situação prática de certo cerceamento, nem sempre os esforços já envidados puderam beneficiar a todas as casas. Assim os encontros promovidos pela CRB.

O Centro Informativo poderia dispor de outros meios de subsidiariedade, se conseguisse a contribuição de documentário mais amplo, embora envie mensalmente a todas as casas do Brasil documentação e informação sobre a vida religiosa em geral e contemplativa.

Seria de grande alcance, possivelmente, algum curso por correspondência que pudesse servir às casas do Brasil. São relativamente poucas, 85 aproximadamente em todo o Brasil, em proporção com as outras casas religiosas e assim são mais facilmente servidas em âmbito nacional a fim de não se multiplicarem as iniciativas reduplicando o trabalho.

Para uma ou outra casa, para a qual seja possível algum curso, a obtenção de alguma bolsa de estudos muito ajudaria.

Como subsídio de melhor formação, não só religiosa no sentido bíblico, teológico, cultural, dando condições de um aprofundamento de oração, seria de grande vantagem um incentivo capacitando para trabalhos de subsistência, assim como também orientando na organização ou colocação dos produtos de trabalho artesanal, por exemplo, a fim de que as casas contemplativas se inserissem realmente nas condições atuais de subsistência própria, num testemunho de pobreza, daquele que vive do trabalho.

Quanto ao processo de união e integração eclesiais além dos encontros, para as casas às quais é possível, somente em âmbito diocesano local talvez seja possível incentivar uma participação e integração eclesiais. Os testemunhos apresentados no encontro de Curitiba são um estímulo muito promissor.

Como vê o futuro da vida religiosa contemplativa feminina no Brasil?

Com otimismo, numa exigência de fé que espera na força do Espírito Santo capaz de vencer os obstáculos. É um futuro imprevisível, mas se a vida contemplativa "pertence à plenitude da presença da Igreja" (cf Ad Gentes n.º 18) o Espírito Santo fará, se preciso com que nasçam novas formas em toda sua pujança.

Outros aspectos a considerar?

A força explosiva da semente que é o Verbo de Deus e que não se deixa acorrentar.



UM POUCO DE BÍBLIA

A expressão "face de Deus" foi dita e entendida em sentido metafórico, figurativo, poético. Deus **revela sua face** significa: ele é bom e misericordioso. Deus **oculta sua face** significa: está irado contra os homens. O mostrar e o esconder a face não são meras fórmulas. Não expressam apenas uma imagem de Deus, mas sim uma ação divina, um fato de revelação.

A face de Deus é Deus revelando-se gratuitamente ao homem. É Deus dando-se em participação ao homem, em seus traços divinos. Face de Deus é o contato patente ou oculto com Deus, o processo de sua presença graciosa e soberana. **Conheça a coleção MYSTERIUM SALUTIS, uma Suma Teológica em cinco volumes. Editora Vozes de Petrópolis.**

SANTA CLARA DE ASSIS

CLARA PELO NOME. MAIS CLARA PELA VIDA. CLARÍSSIMA PELAS VIRTUDES

A Biografia (**Legenda Sanctae Clarae**), o processo e a bula de canonização, bem como os escritos de Clara (**Testamento, Regra, Cartas, Bênção**) fornecem-nos elementos ricos para delinear um quadro de sua personalidade delicada e, ao mesmo tempo, forte. Seguindo o estilo biográfico medieval, deveríamos cantar suas virtudes excelsas, sua exemplar humildade, pobreza e desapêgo, sua caridade e atenção para com todos, seu espírito de oração que chegava às alturas místicas, seus inúmeros milagres. Segundo a expressão de Tomás de Celano, primeiro biógrafo de S. Francisco e também de Clara, deveríamos comentar se fôssemos escritores medievais, a tríplice nota tão significativa: "Clara pelo nome, mais clara pela vida, claríssima pelas virtudes".

Preferimos seguir outro caminho: delinear, embora superficialmente sua figura religiosa dentro do seu mundo, com seus problemas e sobretudo com seus relacionamentos humanos, que condicionaram em parte sua vida. Cremos poder desenhar sua figura a partir da amizade e admiração profundas que votou a duas pessoas que representam, a nosso ver, duas expressões da Igreja: o carisma e a instituição. São Francisco, seu conterrâneo representa o

carisma. O Cardeal Hugolino, depois papa Gregório IX e Inocêncio IV, representam a Igreja oficial, a instituição.

Os dois elementos vivem em constante tensão. O primeiro revela a pujança da vida interna da Igreja; o segundo, a vida externa, a Igreja, sociedade visível. Sem o primeiro a Igreja deixa de ser vida; sem o segundo, a vida pode degenerar em misticismo e aberração. Profundamente apegada a Igreja, representada pelos Papas que lhe votaram amizade e suma consideração, não deixou Clara de ser também a valente defensora, até à morte, da vida do espírito, da vida segundo o **Espírito do Senhor**, como diz S. Francisco. Vai nessa direção o nosso bosquejo biográfico de Santa Clara.

1. Santa Clara e São Francisco.

Nascida em 1194 de família nobre de Assis, filha de Favarone e de Hortolana, irmã de Inês, Beatriz e Penenda, recebeu esmerada educação e cultura razoável, como mostram sobretudo suas Cartas, de pena fácil e delicada. Sua mãe, profundamente piedosa, fizera peregrinação à Terra Santa, ao túmulo dos Após-

tolos em Roma e ao santuário de S. Miguel Arcanjo, no Monte Gargano, na Apúlia. Hortolana, Inês e Beatriz seguirão mais tarde a Clara. Viveu plenamente as vantagens mas também as aflições de sua classe nobre.

Quando menina de 8 anos, passou uma temporada na vizinha Perugia, onde sua família se refugiou quando da guerra com Assis que envolveu burgueses e nobres, e na qual Francisco, com 20 anos, foi feito prisioneiro. Sua habilidade em bordar, no mosteiro, alfaias que fazia distribuir pelas igrejas pobres, deve ter sido adquirida nos serões do lar, junto à mãe que contava as experiências da peregrinação à Palestina de Jesus e o heroísmo dos Cruzados que a conquistaram.

Tinha 12 anos quando um rapaz elegante, das rodas alegres da juventude de Assis virava notícia. Francisco, o filho do rico comerciante de tecidos, Pedro Bernardone, escandalizou a tóda a cidade. Pretendendo viver como Jesus viveu, completamente livre de tudo, rompeu com a família. Foi levado ao tribunal do Bispo, deserdado, e passou a ser um pobre entre os pobres. Não muito depois, um rico assisiense vendia seus bens e os distribuía em praça pública ao pobres, ajudado por Francisco. Em 1210, seu primo-irmão Rufino o imitava e seguia Francisco.

Clara não ficou insensível ao que se passava. Francisco estava carreando para si o movimento de volta ao Evangelho que muitos vinham pregando e tentando viver ou com a Igreja oficial ou sem ela ou contra ela. Intuiu sua importância. Em 1211 ouvia entusiasmada seu conterrâneo Francisco pregar na catedral de S. Rufino, defronte à sua casa, sobre a paz e a penitência. Provavelmente guiada por Rufino, seu primo, dirigiu-se secretamente a Francisco. Ouviu sua opinião. Não parou mais. Continuaram os contactos, uma espécie de noviciado de um ano. A representante da classe nobre alia-se ao representante da classe rica comerciante, agora feito pobre voluntariamente, numa vida-reação contra a ganância do tempo e numa adesão completa ao Cristo pobre e humilde. Toma uma decisão.

Por que somente homens poderiam seguir o novo estilo de vida? Por que não uma mulher? Por que não as mulheres? Os dois devem ter conversado bastante sobre as dificuldades que isso implicava. A família de Clara certamente não compreenderia tal vocação. Queria-a bem casada, pois já tinha 18 anos. Francisco não pensava então em Ordem religiosa. Vivia, com licença do Papa, sua vida de cristão segundo o Evangelho, mas sem regra especial. Também não pensou em uma Ordem religiosa para Clara, mas apenas em lhe possibilitar vi-

ver segundo o Evangelho, da maneira mais perfeita a uma moça, o que ao seu ver comum, não poderia ser possível em casa.

Clara celebrou junto à família, com suas melhores vestes e jóias, o Domingo de Ramos de 1212, na catedral de S. Rufino. Foi a despedida. Em plena noite, ajudada por uma amiga familiar, deu um passo que escandalizou a todo mundo. Pela porta de fundo, atravancada de escombros, por não ser usada, ganhou a rua, mergulhou na noite, e foi para a planície onde a aguardava Francisco com os companheiros. Sem autorização de ninguém, atendendo somente à sua consciência e à dela, cortou-lhe a vasta cabeleira e deu-lhe a veste da penitência. Levou-a depois, por motivo de segurança e conveniência, ao mosteiro das Beneditinas de Bastia, a quatro quilômetros a leste de Assis.

Foi de lá que seus parentes tentaram fazê-la voltar ao lar. Agarrando-se às toalhas do altar, usando do direito de asilo, concedido às igrejas, mostrou-lhes os cabelos cortados, fazendo-lhes ver que estava disposta a tudo. Dezesseis dias depois já está noutro mosteiro beneditino, onde a alcança a irmã Inês que também fugiu de casa para a seguir. Em começo de maio penetra nos umbrais de San Damiano, donde não mais sairá até à morte. Nos seus escritos, Clara revela o mais elevado conceito sobre sua vocação. Não foi fuga, mas engajamento. Sua vida atendeu a um **chamado divino**, para **fazer penitência**; é um **serviço santo**, um **sacrifício santo e agradável a Deus**, um **sacrifício espiritual a Deus**, um **seguimento do Cristo pobre e humilde**.

A personalidade e as atitudes de S. Francisco devem tê-la marcado profundamente, ao lado de sua linhagem cavalheiresca. Ninguém mais que Francisco teve tão clara consciência do mistério da vocação pessoal e de seus direitos perante ela. Mostra-o sua conversão. A frágil donzela de 18 anos tinha a mesma fé e a mesma têmpera forte, que demonstrará durante tóda o restante da vida. Da mesma forma teve a mesma sensibilidade e intuição como Francisco perante a espiritualidade centrada sobre a imitação do Cristo-homem, pobre, humilde, sofredor. Insinuada no século anterior pelo Cisterciense S. Bernardo de Clairvaux, enriquecida pelos contatos dos cristãos através das Cruzadas e peregrinações à terra de Jesus, tal espiritualidade tomava corpo e se imporia, de modo decisivo, através de S. Francisco. Clara segue-o.

Na reclusão do mosteiro, a vida de Clara que seus escritos retratam foi a vida da serva humilde de Cristo, como a vida de Francisco o foi através das andanças e do apostolado no

meio do povo e nos burgos, permeada de temporada de silencioso recolhimento nos lugares mais solitários como Carceri, Fonte Colombo, La Verna. Os dois se completavam de modo admirável, vivendo intensamente a vida missionária e a vida de oração da Igreja. Os mistérios da encarnação em Belém, da Paixão e da Eucaristia ocupavam continuamente a mente de Clara, enquanto nas lides do mosteiro, na caridosa atenção a tôdas as Irmãs e aos pobres e doentes que a procuravam, vivia a seu modo a vida pobre e humilde de Cristo.

Desde 1224 carregava com grande paciência a moléstia que a acompanhará tôda a vida, sem minorar os rigores da penitência alegre. Numa expressão muito feliz é chamada também de **cópia da Mãe de Deus**. É a imagem fulgurante de Cristo que Clara coloca ante os olhos de Inês de Praga, convidando-a a medita-la de todos os lados, incentivando-a à generosidade e à máxima fidelidade à vocação. Lembremo-nos de quem foi Inês: filha do rei Otocar I, da Boêmia e de Constância, rainha da Hungria, deixou de casar com pretendentes como Henrique III da Inglaterra e o imperador Frederico II, para ingressar no convento que ela ergueu junto ao hospital que construía para pobres e doentes. Fêz-se Clarissa em 1234.

Com exemplos e palavras, Francisco incentivava Clara. Lutando êle mesmo por seu ideal, concitava Clara a fazer o mesmo, em carta que ela conservou entre seus escritos:

— Eu, Frei Francisco, o menor de todos, quero seguir a vida de pobreza de nosso Altíssimo Senhor Jesus Cristo e de sua Mãe Santíssima e nela perseverar até o fim. E rogo-vos, senhoras minhas, e dou-vos o conselho de viverdes sempre esta santíssima vida de pobreza. E guardai-vos cuidadosamente de vos afastardes dela nem pela doutrina nem pelo exemplo de quem quer que seja.

Quando escrevia isso, Francisco sentia tôda a problemática dos grupos muito grandes que punham em jôgo o que êle queria, dada a necessidade de disciplinar a tanta gente que não era como êle. Clara seria porventura sua discípula mais fiel no tocante a seus ideais. Conselheira e consôlo nas horas mais duras. Pelo fim da vida, doente, marcado com os estigmas do Senhor, cercado de aflições pelo que via, foi junto a Clara, num cantinho do horto de San Damiano que buscou lenitivo para seus sofrimentos.

Clara fêz-lhe carinhosamente uma sandália que não lhe machucasse os pés chagados. Quase cego, quase moribundo, compôs ali o **Cântico do Sol**, símbolo de amor e alegria perante a vida, o mundo, tôdas as criaturas. Fa-

BIBLIOGRAFIA

- Engelbert Grau, **Leben und Schriften der Heiligen Klara von Assisi**, Werl 1953. É a tradução alemã da vida e escritos de Clara, incluindo a Bula de Canonização, do original latino.
- P. Damien Vorreux, **Sainte Claire d'Assise**, Éditions Franciscaines, Paris. É a tradução francesa da Vida e Escritos de Santa Clara.
- Estudos publicados em **Archivum Franciscanum Historicum** (Quaracchi, Florença): De origine Regularum Sanctae Clarae, vol. V, 1912. Il processo di Canonizzazione di S. Chiara, vol. XIII, 1920. Nuove Notizie intorno a S. Chiara, vol. XLVI, 1953. Privilegium paupertatis concesso da Innocenzo e che cosa fosse in origine, vol XI, 1918.
- Levamos em consideração também a bibliografia fundamental da vida de S. Francisco, as antigas **Legendae**, bem como a bibliografia moderna sobre Clara e Francisco que preferimos não arrolar. Para quem interessar, o livro de Armindo Augusto, **Em Louvor de Santa Clara**, Braga, 1954, na parte bibliográfica enumera mais de cem títulos que se referem de todo ou em parte a Santa Clara.

lando como poeta, que não somos, talvez deveríamos dizer que Clara foi a inspiradora de Francisco, como Beatriz o foi para Dante Alighieii, na Divina Comédia. Pena que não lhe ocorreu escrever a estrofe: Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã, a nobre Clara...

Embora Clara não tivesse sido um simples papel carbono de Francisco impossível é pintar-lhe o perfil sem Francisco, como é impossível pintar o de Francisco sem Clara. Por isso em tôdas as biografias, as duas figuras aparecem juntas. Chesterton (S. Francisco de Assis, Editôra Vecchi, pág. 129) vê numa lenda dos **Fioretti** a imagem mais precisa do que foi a amizade de Francisco e Clara. Os dois, com alguns companheiros, estavam juntos a uma mesa posta no chão para tomar refeição. Francisco começou o ágape, falando sobre o amor de Deus. Os moradores da vizinhança viram chamas saírem da casa e do bosque onde se encontravam. Acorreram para apagar o fogo. Forçaram as portas. Não havia incêndio, mas todos dentro da casa estavam extasiados em Deus. Continua:

— Seria difícil encontrar imagem mais imaginativa para uma espécie de paixão tão inteiramente pura e incorpórea do que a auréola em torno das duas figuras inconscientes na colina:

uma chama alimentando-se do nada, mas lançando em fogo a própria substância no ar. A Ordem II (Clarissas) foi o memorial dêsse amor extraterreno.

O protestante Paul Sabatier, entusiasta de S. Francisco, mas rancoroso contra a Cúria papal, escreveu de Clara:

— Por uma dessas intuições próprias e freqüentes nas mulheres mui entusiastas e mui puras, Clara havia penetrado até o fundo o coração de Francisco e se sentia arrebatada pela mesma paixão que êle. Foi-lhe fiel até o fim da vida. Vê-se, porém, que não sem dificuldade.

2. Santa Clara e o Cardeal Hugolino.

Na pessoa do cardeal Hugolino, depois Gregório IX, como Papa, bem como nos Papas que o seguem queremos ver amigos e admiradores de S. Clara, mas também representantes da Igreja oficial. Não foi fácil a conciliação entre os dois aspectos. Se dum lado admiravam a valente heroína do ideal, doutro procuravam levá-la a concessões à realidade da vida. Chocavam-se os pontos de vista. Êles olhavam a questão do ponto de vista administrativo; ela, sob a perspectiva espiritual.

Com Francisco se dera o mesmo. O cardeal Hugolino acompanhara o nascer do movimento franciscano. Conhecia as almas inflamadas de Francisco e Clara. Mas, como homem prático, tinha imensa dificuldade em lidar com os dois. O representante da Igreja-instituição defrontou-se seriamente com representantes da Igreja-carisma. Ainda bem que era amigo e admirador. Capaz de ceder um pouco. E que os dois eram profundamente eclesiais.

S. Francisco dizia no seu Testamento ter sido o Altíssimo que lhe revelou que devia viver segundo o Evangelho, e que o Papa o aprovou. Não adotou Regras então aprovadas pela Igreja. Clara o seguiu na mesma linha. Adotou a **Formula vitae** dada por S. Francisco, baseada só no Evangelho. Em 1215, o Concílio de Latrão mandava que quem quisesse fazer-se religioso seguisse alguma das Regras aprovadas. Francisco não seguiu. O caso de Clara era mais delicado, dadas as circunstâncias de ser frágil mulher. Em 1219, Hugolino, feito cardeal Protetor das Clarissas, deu-lhes a Regra das Monjas Beneditinas, com retoques. A letra da Regra era beneditina, mas o espírito era a **Formula vitae**, amparado pelo privilégio que obtiveram em 1215-16 de Inocência III, de não ser obrigada a receber posses. Detalhe curioso. Apesar da estrutura imposta, conserva fidelidade ao ideal de Francisco e seu.

Um pormenor da Regra a preocupava: o silêncio sobre a ligação da Ordem aos Francis-

canos e a questão da propriedade de bens. Elevado ao Pontificado, Hugolino, por todos os meios procurou levar Clara a fazer concessões. Em vão. Paul Sabatier dirá que seu amigo Hugolino era seu pior inimigo. Gregório IX proibiu também que Frades dessem direção espiritual às Clarissas. Com toda a liberdade Clara manda dizer que se "as Irmãs não precisavam de seu pão espiritual, também podiam prescindir do pão material", (que os Frades lhes providenciavam). O caso foi entregue pelo Papa ao critério do Geral da Ordem 1.^a, pois Clara despachara os Frades, mandando-os ao Geral.

Quando da canonização de S. Francisco, em 1228, Gregório desceu a San Damiano para visitar Clara e, apertar o cêrco. Os tempos eram difíceis, dizia o Papa. Frágeis mulheres não podiam arcar com tal vida pobre.

— Se a dificuldade está no voto, diz o Papa, eu te dispenso.

— Santo Padre, responde Clara, absolvi-me de meus pecados, mas não de seguir a Cristo.

Clara conseguiu que o Papa confirmasse o "Privilégio da pobreza" conseguido de Inocência III. Que misterioso laço prendia duas almas tão unidas pela amizade e admiração e tão separadas no modo de encarar a vida! De Roma, certa feita, escrevia Gregório a Clara:

— Desde que os múltiplos afazeres me obrigaram a afastar-me do vosso mosteiro e me privaram da consolação que deram vossas palavras e vossos devotos colóquios, uma insuportável tristeza se apoderou de minha alma. Oh! Onde está agora aquela alegria inefável que me inundava todo quando junto a vós e a vossas Irmãs celebrava as funções da santa Páscoa e nos ocupávamos juntos a refletir sobre o infinito amor de nosso bom Mestre no augusto sacramento da Eucaristia?

Noutra ocasião bate à porta do baluarte da oração e da pobreza, San Damiano, para pedir orações:

— Persuadidos de vossa união com Deus, pedimos que vos lembreis de nós em vossas orações e de elevar continuamente vossas mãos puras a Deus para que tenha piedade de nós em tão inúmeros riscos que cercam nosso pontificado, e para que venha em auxílio de nossa fraqueza e nos conforte com sua força, assim que administrando fielmente o ofício que nos foi confiado, possamos dar ao Criador o devido louvor, a glória aos anjos, a nós a graça e a todos os filhos da Igreja a felicidade da vida eterna.

O grande Gregório VII curva-se diante da pequena Clara. Gregório morreu em 1241.

Inocência IV (1243-54) ocupou-se também com as Clarissas, já então espalhadas pela Europa. Confirmou a "Constituição de Hugolino" em 1245, mas 2 anos depois lhes dava nova Regra, tida como II.^a. Considerando provavelmente a realidade dos fatos permitia que doravante os mosteiros poderiam obter propriedades. Com isso punha por terra o privilégio da pobreza de Clara. Ela não se conformou. Não aceitou. Parece que pouco depois ela mesma começou a redigir nova Regra que refletisse seu ponto de vista. E também de S. Francisco, porquanto teve ante os olhos a Regra franciscana aprovada em 1223, da qual cita textualmente os tópicos mais importantes.

Em 1252 pediu ao Cardeal Protetor que aprovasse a nova Regra. Mas queria mais. Apesar da extrema fraqueza devida à sua moléstia, aguardava a ocasião de pedir ao Papa uma bula de aprovação. No último ano de vida, Inocência IV se dignou visitar Clara duas vezes; a última, uns 10 dias antes da morte. Foi provavelmente então que, quase moribunda, pedia ao Papa a grande graça: a bula. No dia 10 de agosto um frade desceu a San Damiano trazendo o precioso documento, que Clara beijou diversas vezes. A grandeza e o heroísmo daquela mulher devem ter comovido a alma do grande Papa.

Faleceu no dia seguinte. Foi o próprio Papa que presidiu aos seus funerais e quis que, em vez do Ofício dos Defuntos, se recitasse o Ofício das Virgens. Pretendeu assim canonizá-la antes mesmo do processo ordinário. Um pormenor simbólico: quando foi descoberto em 1893 o corpo de S. Clara, entre suas vestes, num estôjo, estava guardada a bula. Gesto delicado das companheiras de Clara que viram na bula a vitória de 40 anos de lutas de sua mestra. Em 1255, dois anos após a morte, Clara era canonizada solenemente por Alexandre IV (1254-61), que como Cardeal Protetor fôra o primeiro a aprovar a Regra de Clara. Esse Papa conhecera também a grandeza da luta da nobre assisiense. Lembra-o na bula de canonização escrita em Anagni:

— Clara conseguiu aqui na terra o privilégio da altíssima pobreza; agora, no céu, é en-

riquecida com a plenitude de tesouros indizíveis.

Em meio às lutas e dificuldades pela defesa de seus ideais, Clara tinha bem nítido na mente o mistério da Igreja, de que era filha fiel. Sua Ordem seguia "uma vocação suscitada na Igreja, pela palavra e exemplo de S. Francisco. "Uma vocação a serviço do Corpo Místico". Escreveu a Inês de Praga: "Eu te considero como auxiliar do próprio Deus e arrimo dos membros enfermos do inefável Corpo de Cristo" ... "Sei e creio que reparas minhas falhas bem como as de minhas Irmãs no seguimento das pegadas do pobre e humilde Jesus Cristo". Sentia e vivia os problemas da Igreja, do povo, que Francisco, os Frades, o próprio Papa lhe confiavam.

Num momento decisivo da vida, Francisco mandou consultá-la e pedir orações para saber se devia continuar a vida de missionário ambulante ou de dar-se totalmente à oração, como eremita. A resposta da enclausurada foi esta: "Não viver só para si, mas ser de proveito também aos outros". Doentes acorriam a San Damiano, que parecia um hospital, em busca de lenitivo. O próprio Francisco mandou-lhe um frade louco para que Clara orasse por êle. O sinal da cruz era sua força. A maioria absoluta dos milagres que dela se narram têm relação com as necessidades, os sofrimentos das Irmãs ou de pessoas de fora. Também o Papa recorria a ela. À Clara atribuíram seus contemporâneos a libertação de Assis em 1241, das mãos dos sarracenos, a serviço do imperador.

Clara com suas "Damas Pobres" da II.^a Ordem, Francisco com seus "Irmãos Menores" da I.^a e com os leigos da III.^a Ordem dão-nos uma maravilhosa visão da Igreja peregrina: que reza, que missiona, que atua como fermento na sociedade. Sem a oração, sem Clara, faltar-lhe-ia algo de essencial.

Por isso, o movimento encabeçado por Francisco e Clara no século XIII deixou marca tão profunda na História da Igreja. É que viveram seu mistério em tôdas as direções. Lição de suma atualidade.



PENSAMENTOS

1. O silêncio tem magia. O som agressividade.
2. O gosto é resultado de mil desgostos (Paul Valéry).
3. Ficar numa estrutura antiga ou abandonar os compromissos assumidos, fundamentalmente, representam uma atitude de medo e de fuga.
4. O culpado foge embora ninguém o persiga (Prov 28, 1).
5. É fácil tirar alguém da roça, mas é difícil tirar a roça de alguém.



EXPERIÊNCIA

COISAS NOVAS E VELHAS

FILHAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

Dentre as centenas de Congregações e Institutos de Irmãs que servem à Igreja de Deus no Brasil, está o meu, Filhas do Sagrado Coração de Jesus, cuja Fundadora, Teresa Verzeri, recebeu as honras da beatificação no dia 27 de outubro de 1946, exatamente há 25 anos atrás.

A 27 de outubro de 1969, foram promulgados os "Documentos Normativos" ou "Normas", brotadas do capítulo especial que, por bem dois anos, ocupou a mente, o coração e as vontades de cada uma das Religiosas do Instituto, tal foi o dinamismo suscitado pela idéia do Capítulo e pelo método que o conduziu. As 254 páginas do livro condensam o ingente trabalho. Há deliberações encorajadoras, verdadeiras pontes que unem harmônicamente os valores do passado com os do presente, projetando-os para o futuro.

Desde o enunciado dos "Princípios de Formação" que abre o conjunto das "Normas" até a "administração dos bens" que o encerra, os temas mais candentes vão se sucedendo e são focalizados em seus aspectos fundamentais e práticos.

Eis alguns deles:

- O problema vocacional, centrado na recomendação de Nosso Senhor, assim traduzida por Paulo VI: "Devemos pedir o Di-

vino Mestre que a sua voz toque nos corações, que seja ouvida por muitíssimas almas juvenis, a fim de que cesse a queixa de Jesus: "A messe é grande, mas poucos os operários."

- O atualismo valor dos votos ou Conselhos Evangélicos.

- ❖ Castidade consagrada, que leva o religioso não a amar menos, mas a amar melhor; a amar como Cristo amou.

- ❖ Pobreza consagrada, tão bem expressa na oração do apóstolo pobre: "Senhor, dá-me aquilo que eu devo dar".

- ❖ Obediência consagrada, entendida como adesão da vontade livre ao Plano de Deus.

- Vida de união com Deus, com forte acento litúrgico-apostólico.

- Vida comum com grande abertura para experiências de enriquecimento na FRATERNIDADE e AMIZADE, sem descuidar o devido relacionamento com outras pessoas.

As "Normas" tratam oportunamente também:

- ❖ do valor eclesial do sofrimento; ❖ da ação pastoral e da dinâmica da pastoral integrada, temas tão amplamente tratados que ocupam 60 páginas de todo o volume.

Não falta outrossim a motivação para as obras assistenciais e missionárias, enfocadas sob o prisma da evangelização, através da promoção humana. Ao tratar do governo do Instituto à luz conciliar, as "Normas" estabelecem a criação de equipes especializadas nos diversos setores das atividades da Congregação tais como:

- setor educacional
- setor hospitalar
- setor assistencial
- setor pastoral
- setor de Meios de Comunicação Social
- setor vocacional.

Estas equipes deverão manter, em cada província, um diálogo constante entre as que têm a missão de dirigir a Congregação e as que trabalham nas bases.

Evidentemente, não falta o tema da espiritualidade, aliás, um tempo forte, ao longo das etapas pré, durante e pós-capitular. Espiritualidade do Sagrado Coração de Jesus, "que constitui o compêndio de toda a religião e a norma de vida mais perfeita", de vez que o culto ao Sagrado Coração "se refere ao amor com o qual Deus nos amou por meio de Jesus e, ao mesmo tempo um exercício de nosso amor pelo qual somos levados a amar a Deus e aos homens".

Uma constatação interessante é a de que a **reafirmação do espírito do instituto**, neste momento de luz conciliar, fez com que as Irmãs melhor lhe compreendessem o sentido e a essência. E é de notar que tal espírito ou mística já fôra sintetizado pela própria Fundadora nestes termos:

“Moderação, iluminada por um equilíbrio
[interior;
dinamismo, conforme os planos de Deus;
discernimento, discreção e prudência, refle-
[xo de Deus.

Convida, não obriga.
Não procura, mas aceita reconhecido o que
lhe oferecem.
Valoriza e respeita o bem alheio, como o
[próprio.

Não invade o campo dos outros.
Não se deixa levar pelo exagêro de querer
[fazer todo o bem,
Não age com ansiedade.

Segue o Senhor, não o previne.
Faz tudo a seu tempo:
Escolhido um caminho, segue-o com pru-
[dência

mas corajosamente,
com suavidade e fortaleza,
firmeza e constância.

Na prosperidade não se exalta,
na adversidade não desanima,
não se impõe por obstinação.

Aconselha-se com Deus,
procura sòmente a Deus e sua vontade.
Não teme o mundo nem as suas críticas.

Respeita a opinião alheia,
procura o que é melhor diante de Deus,
estima a humildade, aceitando a humilhação.

Reconhece o próprio nada,
usa da largueza nas concessões lícitas,
imitando a benignidade do Coração de
[Cristo.

Procura em tudo a essência,
não reprova a aparência que ajuda,
todavia usa-a com ponderação.

Caminha com simplicidade e franqueza,
não conhece enganos ou simulações,
segue os passos de Jesus Cristo.

Não pretende tudo de todos:
é cauto, discreto, prudente,
exige consciência reta, pura, delicada,
[aberta.

Quer santidade verdadeira e distinta,
procura mortificação interna e externa.
Jesus Cristo é o seu modelo e Mestre.”

Ir. M. A. Ghisleni, FSCJ

VIDA RELIGIOSA FEMININA E CRIATIVIDADE PASTORAL

Vai aqui uma breve reflexão sôbre as religiosas na atividade pastoral da Igreja. Antes de tudo quero dizer o que entendo por pastoral pois disto dependerá o que direi depois.

Com freqüência reservamos o termo pastoral para significar as tarefas da Igreja (paróquias, catequese, Ação Católica etc.). Definição falha porque classifica de pastoral apenas a uma parte da atividade da Igreja.

Isto seria encerrar a pastoral em limites de realizações que lhe são familiares, comuns, tradicionais. Hoje a necessidade é interessá-la por terras inexploradas. Por isso prefiro dizer que a tarefa pastoral da Igreja se verifica sempre que um esforço comum procura manifestar a presença de Cristo ao mundo, seja qual fôr a forma particular sob que se traduza este esforço. Neste sentido, tanto o padre da paróquia exerce ação pastoral, como o padre operário. Aliás, todo cristão pode viver a pastoral da

Igreja. Se dentre êles alguns são chamados a exercer funções especiais de animadores, de responsáveis, é preciso, então, dar desde o começo um sentido amplo e exato àquilo que se entende por pastoral.

Lugar das religiosas na pastoral

Dentro desta conceituação quero especialmente determinar o lugar das religiosas na atividade pastoral da Igreja.

Quem são?

Algumas são “permanentes” porque consagram todo o seu tempo ao serviço direto da comunidade cristã. São, por exemplo, as catequistas. Mas, um pouco por tôda parte, aparecem as religiosas como membros das equipes diocesanas ou nacionais de catequese, liturgia etc.

Não existem, porém, só as permanentes. Cada dia são mais numerosas aquelas que se dedicam a outras profissões por motivos diretamente inspirados pela fé e pelo bem da Igreja. Também estas estão comprometidas com a pastoral da Igreja.

E ademais, tôdas quer permanentes, quer não, pertencem a comunidades que tem de per si, um papel pastoral a desempenhar. Por isso dividirei minhas reflexões em duas partes — **Primeira:** compromisso pessoal das religiosas com a pastoral. **Segunda:** compromisso comunitário. Em ambos os casos guia-me apenas uma preocupação: mostrar que as religiosas estão sendo convocadas para dar provas de criatividade e de iniciativa.

— Têm hoje as religiosas plena iniciativa na pastoral da Igreja?

Podemos contestar. E dizer não. Temos, entretanto, que acrescentar imediatamente que, na medida em que se propõem explorar a liberdade de que dispõem, poderão desenvolvê-la plenamente. Sua situação é paradoxal: são numerosas e são solicitadas. E precisamente porque são solicitadas continuam muito dependentes do clero que as solicita. O clero reserva para elas um papel de executivos, dando-lhes por isso muito pouco no plano de iniciativas pastorais.

Donde, então, êste procedimento do clero se êle estima as irmãs e espera muito delas? É o costume. A tradição. Foi sempre assim. Um costume tão antigo que se torna uma ingenuidade. Precisamos pensar sòzinhas. Os sacerdotes que nos convocam dizem querer trabalhar em equipe, que precisam, de verdade, de nós etc. Mas êles só se reúnem quando se trata de assuntos muito sérios e importantes. E nem percebem êste comportamento.

Creio, entretanto, que deve haver uma razão mais profunda do que o costume para esta dificuldade de integrar a religiosa na responsabilidade pastoral: o medo da novidade.

Não é porque as mulheres, por serem mulheres, não têm possibilidades iguais, mas porque podem trazer novidades. Ainda bem que a novidade, quando surge em ambiente acanhado e estreito, dá medo.

Um dever imperioso: a criatividade

Há um erro comum e muito difundido: uma concepção extremamente limitada da pastoral, de tal maneira que, tudo aquilo que não cabe nos seus limites, é qualificado de não pastoral.

Tanto mais lamentável quando se sabe que a criatividade hoje é um dever imperioso da Igreja. Creio que a presença da mulher pode ajudar grandemente a Igreja a cumprir êste dever. Longe de ser uma ameaça, a novidade de que elas representam pode introduzir um elemento dinâmico. A mu-

lher tem outras maneiras de ver as situações, ângulos diversos ou simplesmente um lance de olhos podem revelar aspectos da realidade que o homem podia esquecer.

Pondo sua energia e imaginação a serviço da Igreja, as mulheres podem representar um papel importante para impulsionar a criatividade pastoral.

Temos que nos movimentar. Com freqüência, as religiosas comprometidas diretamente com a pastoral continuam submissas e até passivas. Será explorando ao máximo, desde hoje, nossas possibilidades que chegaremos a transformação recíproca de mentalidades.

Nós mesmos podemos ter medo da novidade. Muitas de nós somos as responsáveis pela posição secundária em que nos mantemos. Uma atitude ativa e perseverante pode contribuir para mudar as relações, em benefício do dinamismo da Igreja.

Exigências pessoais e exigências comunitárias

Até aqui falamos das religiosas tomadas pessoalmente. Gostaria agora de dizer, embora brevemente, o que penso das comunidades, do papel a que estão sendo chamadas a realizar como comunidades. Papel importante na vida da Igreja.

No momento em que nascer em nossas comunidades uma imensa aspiração comunitária nós nos colocaremos a serviço desta aspiração e reencontraremos um dinamismo nôvo. Por tôda parte buscaremos novas formas de vida eclesial. As formas de comunidade cristã conhecidas atualmente não bastam e não satisfazem mais.

À enorme dispersão social, (que atinge o ápice nas grandes cidades) some-se a sêde de comunicação e a necessidade de lugares onde se reunir e conversar. Tudo parece convergir, tôdas as partes, todos os desejos, todos os caminhos. Tudo pede união. No entanto, no interior mesmo de nossas congregações, parece não haver verdadeiras comunidades. Se assim fôr, que dizer do resto do mundo?

A comunidade humana e cristã não se fará sòzinha. Tem necessidade para se realizar da existência de núcleos estáveis que possam servir de referência, de ponto de apoio, de lugar de relação, de modelo. Não será a vocação das comunidades religiosas servir de núcleos vivos a serviço das novas formas da comunidade cristã?

Não se pode negar que tal perspectiva exige para um futuro próximo, tôda sorte de modificações no funcionamento da vida religiosa.

Chamada para uma profunda renovação

Êste podia ser o campo de uma imensa criatividade, daquela criatividade de que temos tanta necessidade e a que somos chamados. Nisto nossas co-

comunidades poderão encontrar profundos motivos de sua renovação. Sentir-se-iam movimentadas por um projeto comum que no momento está fazendo falta. Este projeto teria um significado pastoral evidente. Das iniciativas que surgirem da comunidade cristã pode nascer a renovação pastoral.

Sendo autênticas e trabalhando nesta perspectiva de se colocar em relacionamento de buscas diversas, nossas comunidades religiosas podem ajudar a encontrar os caminhos novos da pastoral, desempenhando um importante papel nas tarefas da Igreja.

Isto pode exigir de nós muita audácia e liberdade, correr riscos... Mas isto é justamente viver. E, em tôdas as partes, se busca, na vida religiosa, viver mais e mais verdadeiramente e mais autenticamente a fé.

Não é aqui o lugar para mostrar as conseqüências a que estaremos expostas. Quis apenas apontar a situação das religiosas na pastoral, mostrando que podemos, quando queremos, ser instrumentos particularmente ativos e dinâmicos, e que isto vale a pena.

Irmã Regina du Charlat

ENCONTRO DE RELIGIOSAS ALAGOINHAS. 29/8 E 12/9

A Conferência dos Religiosos do Brasil, Regional Nordeste III, Bahia-Sergipe, enviou um questionário às religiosas da Regional, na linha de estudos sobre a Vida Religiosa Feminina na América Latina. As religiosas se reuniram, estudaram, debateram na Vigararia de Alagoinhas, depois de estudarem nas respectivas comunidades. Transcrevemos algumas das dimensões novas apontadas pelas religiosas. As responsáveis pela coordenação dos estudos e debates foram a Ir. Maria da Paz Prado Dato, Ir. Maria da Glória Alves Fonseca e Ir. Maria Marta Neri.

Primeira.

A Religiosa deverá entrosar-se em outros trabalhos, em outros campos além dos tradicionais: colégios, hospitais, etc. Atuar em zonas prioritárias, carentes de recursos, promovendo integralmente o homem todo e todo homem. De acordo com o carisma de cada Congregação a Religiosa precisará comprometer-se noutros setores, onde não há presença da Igreja, principalmente pela falta de sacerdotes.

Segunda.

Há grande necessidade: ♦ de uma preparação profissional das religiosas de acordo com o meio em que vão atuar; ♦ de aprofundamento da Vida Religiosa, vivendo com autenticidade sua vocação. Precisa-se de preparo cultural, técnico e conhecimento da realidade local.

Terceira.

Precisamos conhecer melhor a religiosidade do nosso povo, valorizando o que há de bom, purificando-a de maneira delicada. Nosso aprofundamento poderia ser feito por meio de seminários, palestras, etc. sobre o assunto, e sobretudo, de uma vivência ambiental.

Quarta.

A Igreja deseja ardentemente a capacitação da Religiosa no mundo profissional. Em nossos Institutos, vê-se também uma grande preocupação neste sentido, fazendo-se muito esforço pela profissionalização de seus membros.

Quinta.

A religiosa pode e deve trabalhar em uma profissão secular, de acordo com as necessidades e o carisma da Congregação.

Pode, dependendo da necessidade de presença, a fim de que seja "sal da terra e luz do mundo". Em todo caso, seria necessário levar em conta a tendência da Irmã e o mais importante no momento para promover o homem evangelizando-o. Isto, em alguns casos, seria um grande testemunho de pobreza.

Sexta.

Parece-nos que esta atuação é ainda pequena, referindo-se às novas condições, apesar de que as



EXPERIÊNCIA

religiosas, em geral, lutam pela vida. Todavia, todos os Institutos estão se preocupando.

Sétima.

Clausura, como antigamente, não tem sentido. Achamos que deve ser mais relativa ao tempo e não tanto ao lugar. Como lugar mais reservado, tem seu valor. Precisamos ter esta reserva como, aliás, as famílias em suas casas. Isto facilitaria a intimidade na vida comunitária.

Oitava.

A clausura tradicional inibiu a religiosa, criou o comodismo. Afastou-a do mundo, formando barreiras entre ela e o povo. Os leigos pensavam que a Vida Religiosa era um mistério, verdadeiro tabu que impedia a inserção da mesma nos problemas de seu tempo.

Nona.

Suscitaram-se problemas de diferença de mentalidade com relação às mudanças; insegurança nas novas formas de pastoral; incompreensão por parte de muitos e medo de correr o risco.

Décima.

Procurar superar o apêgo a normas e regras que nos prendem a um sistema, e abrir-se a outros pela inserção no meio em que se vive. Em síntese: conhecer e se incarnar no mundo atual para uma melhor promoção evangelizadora, sendo testemunho de Cristo pela autenticidade de vida, dentro do carisma da Congregação e da religiosa mesma.

Décima primeira.

Achamos que as Congregações procuram atender ao apêlo da Igreja. Apesar de haver falhas neste atendimento, notamos uma grande abertura e verdadeiro compromisso de religiosas e de Congregações inteiras.



A maturidade se revela: ♦ *No bom uso da liberdade.* ♦ *Na capacidade de tomar resoluções e cumpri-las apesar das dificuldades.* ♦ *No juízo reto e prudente dos acontecimentos e das pessoas.* ♦ *Na capacidade para o diálogo aberto e sereno.* ♦ *No senso da convivência e da tolerância.*



LIVROS RECEBIDOS

ROCCA, julho 1971, n.º 14.

BOLETIM INFORMATIVO DO NE-1, agosto 1971. Boletim conjunto da CNBB e CRB.

EXTENSÃO RURAL, n.º 66, junho 1971. Revista da Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural.

PRO MUNDI VITA, n.º 37. Número especial sobre El Clero y Los Seminarios en España. Problemas, tensiones, Esperanzas.

MENSAJE IBEROAMERICANO, julho-agosto 1971. Publicación de la Obra de cooperación sacerdotal hispano-americana. Em destaque neste número: "La nueva imagen de la religiosa en Brasil."

ÉGLISE AUJOURD'HUI, juin-juillet 1971, n.º 329.

ATUALIZAÇÃO, agosto 1971. Revista de divulgação teológica.

LE CHRIST AU MONDE, n.º 4, 1971. Revue Internationale d'expériences apostoliques.

HUMANISMOS E ANTI-HUMANISMOS EM CONFLITO, de Pedro Dalle Nogare. Editora Beneditina Ltda., Salvador, BA. Apostilas de antropologia filosófica para o curso de filosofia da Universidade Federal da Bahia. Páginas 115.

CONVIVIAM, maio-junho 1971. Revista de Investigação e cultura.

DIÁLOGO ECUMÊNICO, tomo IV, números 13, 14, 15, 16. Cada número é um volume de 150 páginas de 15 X 22. Revista editada pelo Centro Ecumênico João XXIII, da Pontifícia Universidade de Salamanca. Ano 1969.

DIÁLOGO ECUMÊNICO, tomo V, números 17, 18, 19, 20. Ano 1970.

DIÁLOGO ECUMÊNICO, tomo VI, número 21. Ano 1971.

TESTIMONIANZE, n.º 134, maio 1971.

CONTEMPLAÇÃO, n.º 10, 1971. Revista de divulgação e espiritualidade para Monjas Contemplativas Claustrais.

CIDADE NOVA, n.º 10, outubro 1971.

ROCCA, n.º 15-16, agosto 1971.

RENOVAÇÃO, boletim informativo da CNBB e CRB, Regional Sul. 3.

A ORAÇÃO NO MUNDO SECULAR

Editôra Vozes Ltda. Caixa Postal, 23 — Petrópolis, RJ

Como rezar no mundo secular?
Possui a oração ainda um sentido?
Ou é apenas o último resquício
da era sacral e religiosa
definitivamente passada?

Os autores:

Frei Leonardo Boff,
Frei Ademar Spindeldreier,
Frei Hermógenes Harada
analisam as causas objetivas
e subjetivas que motivaram a crise
atual de oração e meditação.
Não convidam para a fuga do presente.
Aceitam o desafio e convocam
a explorar as fôrças positivas
encerradas na crise e que podem
levar a rezar de forma
profunda, autêntica e nova.

Tu, que estás acima de nós, **ORACÃO**
Tu, que és um dentre nós,
Tu, que és **DA INTIMIDADE**
Também em nós.
Que todos Te possam ver — também em mim, **COM**
Que eu possa preparar o caminho para Ti,
Que eu possa agradecer por tudo **DEUS**
que me tem acontecido.
Que eu não esqueça jamais as necessidades
dos outros.

Conserva-me em Teu amor,
Assim como Tu queres que os outros
se conservem no meu.
Que tudo em meu ser se transforme
em teu louvor!
Que eu jamais chegue a desesperar!
Pois eu estou em tuas mãos.
E tôda fôrça e bondade estão em Ti.
Dá-me um espírito puro —
para que eu Te possa ver!
Dá-me um espírito humilde —
para que eu Te possa ouvir!
Dá-me um espírito amoroso —
para que eu Te possa servir!
Dá-me um espírito fiel —
para que eu possa permanecer em Ti!